



Capa e Batina

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA



Editorial

Novo Mandato Dos Órgãos Sociais

Mais um ano se passou na vida da nossa Associação, mas o número crescente de convivas na respectiva comemoração e de votantes na Assembleia Geral que a elegeu, dá à Direcção empossada (nova apenas num dos membros - o Secretário) o conforto de confiança cada vez maior dos Associados e a Amizade dos que, não o sendo, persistem em partilhar o nosso espírito de solidariedade.

Conforto apenas moral, claro (nunca é demais pontualizar que todos os membros dos Corpos Sociais satisfazem o custo integral das actividades em que participam), mas esse conforto nos bastou em dois mandatos - três para alguns - com realce muito especial para o momento inolvidável que foi a inauguração da nossa SEDE: de imediato nela brotaram uma boa biblioteca, actividades de filantropia, jogos, grupo coral, ginástica, tertúlias, conversas sobre variadíssimos temas, etc. Já lá vai ano e meio e parece estarmos ainda embalados no grande sonho que se realizou, graças à generosidade dos que se empenharam nesta causa.

Mas... agora, urge saltar desse berço que nos embala e disparar como "balas" rumo à concretização de segundo grande objectivo interno - a supostamente desejada Real República /Casa de Repouso. Dizemos "supostamente" porque não dispomos, até à data, das manifestações de apoio e interesse efectivos necessários para encetar tal obra ciclópica! Com apenas 12 respostas ao questionário lançado na Circular nº 7/2000, não haverá SANTOS que nos valham...

Como objectivo virado para o exterior, iniciámos com o Sarau "*Coimbra em Lisboa*" (na Aula Magna, em 1999) uma investida no meio alfacinha, mostrando que a Cultura Coimbrã não merece andar arredada dos palcos nacionais; e o êxito que lográmos obter, na opinião dos isentos - única relevante, por terem compreendido que se destinava à população de Lisboa - dá-nos alento para continuar nesta senda, reforçando agora o verdadeiro cunho cultural que a nossa Associação deve exibir perante a sociedade que a rodeia.

Para tal se perfilam os consagrados Sócios Eduíno de Jesus e Carlos Carranca como assessores culturais da Direcção, recém-eleitos por uma Assembleia Geral que lhes reconheceu indiscutível gabarito e capacidade de acção.

Isto de mãos dadas com individualidades de reconhecido mérito e com outras instituições civis, militares, académicas, cuja colaboração fomentaremos através de protocolos; e sem prejuízo do incremento dos habituais passeios e viagens - onde aliamos o elemento turístico ao cultural possível - das tertúlias, das conferências, dos jantares/convívio e das nóveis conversas quinzenais, caseiras e desprezenciosas, mas, talvez por isso mesmo, tão bem sucedidas.

É certo que nos falece ainda a presença dos Sócios jovens, mas temos de convir que essa ausência se deve a razões profissionais (é a idade da afirmação neste campo), familiares (os filhos pequenos) e até, eventualmente, de disponibilidade financeira (todos passámos pelo mesmo...).

Aguardamo-los na altura certa! E vamos preparando-lhes o terreno...

Em contrapartida, o investimento que havemos feito nas relações com a Associação Académica de Coimbra, pela mão do nosso jovem Tesoureiro, tem frutificado para além das expectativas: os jovens estudantes procuram a nossa colaboração, requerem a nossa participação nas suas actividades e oferecem-nos a sua presença nas nossas comemorações.

Assim a presença dos nossos Associados se torne mais constante e alargada a novos Sócios. Ajudem-nos nesta árdua campanha de angariação de novos Sócios que perpetuem esta vivência.

Assim as sugestões, as críticas construtivas e a colaboração no terreno nos sirvam de arrimo e aqui proclamaremos o propósito de, numa só alma e em torno de um único interesse, vivificarmos e engrandecermos a nossa Associação!

Fátima Lencastre

(no acto de posse)

IX ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO

TOMADA DE POSSE DOS NOVOS ÓRGÃOS SOCIAIS

- Dia 24 de Março -

Já vai sendo hábito congregar, na mesma festividade, a comemoração de mais um aniversário da nossa Associação com a tomada de posse dos Órgãos Sociais que (re)iniciam novo mandato, registando-se apenas uma "baixa" na Direcção por razões pessoais - que lamentamos - e perfilando-se todos os outros, dispostos a morrer de pé ao serviço da causa que nos une mais e mais.

Fomos eleitos, por unanimidade, no passado dia 16 de Fevereiro, pela Assembleia Geral Ordinária mais concorrida de sempre, que também aprovou por unanimidade a proposta da Direcção no sentido de se substituir o Conselho Cultural (eleito há 3 anos) que a prática demonstrou ser inadequado para, estruturadamente, levar à prática a acção cultural da Associação - situação a que são alheias a qualidade pessoal e a competência que se reconhece a cada um dos seus elementos, por dois Assessores Culturais: o Eduíno Moniz de Jesus e o Carlos Carranca, dado o perfil do cargo a desempenhar e atentas as intervenções, com reconhecido êxito, do primeiro na Tertúlia sobre Vitorino Nemésio e em Conversas Quizenais; e do segundo na homenagem a Miguel Torga, promovidas pela Direcção durante o mandato cessante.

Eis a sua constituição:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente - António de Almeida Santos

Vice-Presidente - Francisco Chichorro Rodrigues

Secretário - Germano Nunes Gouveia

Secretário - José Lima Lobo

DIRECÇÃO

Presidente - Maria de Fátima Lencastre

Vice-Presidente - Alcindo Augusto Costa

Vice-Presidente - António Simão Toscano

Tesoureiro - António Manuel Fernandes Ribeiro

Secretário - José Marcelino de Sousa Moura

Vogal - Maria Antónia Dionísio Alves Rodrigues

Vogal - Maria Isabel Martins Alexandre

CONSELHO FISCAL

Presidente - Jorge Ferreira dos Santos

Vogal - Joaquim Oliveira Martins

Vogal - Jorge Manuel Fernandes Nunes

ASSESSORES CULTURAIS

Eduíno de Jesus

Carlos Carranca

Todos se irmanaram no propósito de intensificar e melhorar a nossa vivência associativa, tendo-se projectado no seguinte:

PROGRAMA PROVISÓRIO DE ACTIVIDADES PARA O TRIÉNIO 2001/2003

"INTRODUÇÃO"

A presente lista continua a configurar uma recandidatura da Direcção cessante, pois integra todos os elementos que, nesta data, puderam protestar a sua disponibilidade (e redobrada, quando possível) para continuarem a pugnar pelas prioridades ainda não totalmente conseguidas, para desenvolver as actividades lançadas ou relançadas no mandato que finda e, acima de tudo, para alargar e diversificar a acção da nossa Associação no campo cultural.

Apenas um dos membros da Direcção cessante não pode, nesta data e por razões de ordem pessoal , garantir a sua participação e o desempenho regular das tarefas no âmbito da Direcção - mas disponibilizando-se para ajudar na realização das actividades que esta lhe cometer - pelo que continua a merecer sempre a nossa homenagem pela sua dedicação à causa associativa.

I - PRIORIDADES

Conseguida, no mandato anterior, a primeira de todas as prioridades - a aquisição de uma SEDE - propomo-nos concentrar, agora, todos os esforços na:

- A) - Criação da REAL REPÚBLICA DO ANTIGO ESTUDANTE DE COIMBRA / CASA DE REPOUSO, se se apurar corresponder à real expectativa de um número de Associados que a justifique.
- B) - Campanha de SÓCIOS JOVENS e outros NOVOS SÓCIOS, através da divulgação em força da existência da nossa Associação, seus objectivos e actividades, quer pela Internet, quer por distribuição de um folheto próprio.
- C) - Divulgação da CULTURA COIMBRÃ, através de PROGRAMAS DA RADIO-DIFUSÃO - ANTENA 1 e de outros meios de comunicação social e de outras actividades.

II - ACTIVIDADES / INICIATIVAS

- A) - De FILANTROPIA - a prosseguir pelo serviço da Direcção, a "FILANTRÓPICA", com este mandato específico:
- assistência;
- promoção de pequenas visitas locais para os Sócios com dificuldades de deslocação.
- B) - De CULTURA, prosseguindo as actividades já lançadas e iniciando outras - com o necessário apoio de assessores culturais - tais como:
- Debates de temas nacionais e palestras, através de Conferências, de Tertúlias e de Conversas Quinzenais, etc., etc.;
- Espectáculos que reúnam Organismos Académicos dos antigos e actuais estudantes e outros Grupos, abertos à população de Lisboa;
- Promoção e Divulgação do Fado e da Canção de Coimbra e incentivação de uma Antologia sobre este tema.
- C) - De COOPERAÇÃO com as A.A.E.C. constituídas e dinamização de outras.
- D) - De DINAMIZAÇÃO do órgão de cúpula - a FEDERAÇÃO das A.A.E.C., já em fase final de constituição.
- E) - De INTENSIFICAÇÃO das relações e apoio à Associação Académica de Coimbra.
- F) - De COLABORAÇÃO com outros Organismos Académicos ligados à cultura e ao desporto.

- G) - De COOPERAÇÃO com outras entidades não académicas que prossigam interesses afins dos nossos, através de protocolos.
- H) - De promoção de HOMENAGENS a figuras e a acontecimentos relevantes na História de Coimbra e da sua Universidade e também nacionais.
- I) - De promoção de VIAGENS turísticas e culturais, dentro e fora do país.
- J) - De melhor aproveitamento do Salão da nossa SEDE, incentivando jogos, convívios, projecção de filmes e vídeos, grupos corais, etc., etc..

NOTA FINAL

A experiência colhida, ao longo de três mandatos, por alguns dos membros da presente lista e de dois mandatos pelos restantes e o pressuposto de facto de que todas as realizações são levadas a efeito pela Direcção, no seu conjunto, aconselham esta a incentivar os Sócios a apresentarem sugestões, críticas e pedidos de esclarecimento ou manifestações de agrado pela sua actuação - sempre salutares, quer para a correcção do que careça ser corrigido, quer para estímulo do que mereça ser continuado - desde que uns e outras sejam feitos por escrito e dirigidos à Direcção, que a todos responderá pela mesma forma, adentro de um espírito de prossecução do exclusivo interesse da nossa Associação."

O acto revestiu-se da costumada (e suficiente...) solenidade, no auditório da Delegação de Lisboa do Instituto Português da Juventude, perante 170 testemunhas que, regaladas com um saboroso almoço no restaurante da Delegação, se preparavam para assistir e participar no Sarau que iria seguir-se.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral, Dr. António de Almeida Santos, cumpriu o seu "munus" académico com a singeleza e brilho que são seu reconhecido timbre:

"Caros confrades e Amigos, só duas palavras porque quem espera música detesta palavras, claro, de modo que não devo abusar.

Só para felicitar os empossados. A maior parte são reincidentes, mas há quem não seja. Eu sou reincidente na nomeação e na posse, mas não sou muito reincidente no trabalho.

Tenho algumas justificações e algumas desculpas, mas a verdade é que sinto que estou no meio de uma equipa que faz e trabalha e eu sou dos poucos que não fazem nem trabalham; mas, tirando isso, as minhas felicitações aos empossados, as minhas felicitações pela vossa persistência, pela vossa insistência e pela vossa dedicação à nossa Associação.

Noto que, pela primeira vez, reunimos num lugar próprio, o Instituto Português da Juventude, o que significa que estamos a corrigir alguns defeitos do nosso comportamento. Mas queria dizer-vos só mais o seguinte: é difícil conceber uma Associação nestes tempos de vida associativa, penosa, porque as pessoas não estão muito dispostas a trabalhar, a fazer esforços. A televisão é muito sedutora, estar em casa a ver o mundo é muito sedutor, a beber um whisky; às vezes, por isso, as dedicações, os sacrifícios e entusiasmos são hoje cada vez mais raros e mais valiosos. Por isso mesmo, dificilmente se encontraria uma Associação em que uma Direcção conseguisse imprimir tal dinamismo como a nossa Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa e onde se viva necessariamente do facto de estarmos todos ligados por uma paixão - e as paixões são sempre quentes e criativas - a nossa paixão por Coimbra. Mas isso não chega para justificar tudo. É por isso que parte do mérito, da vitalidade desta Associação deve ser creditada, aos seus órgãos associativos. E, permitam-me que destaque de todos eles - não se vão ofender os outros - a nossa querida Fátima Lencastre. É uma força da Natureza posta ao serviço de uma ideia nobre e,

por isso, eu quero felicitá-la, em especial, conjuntamente todos os seus Colegas da Direcção. Espero que continuem, não a fazer tanto como até aqui, mas a fazer ainda melhor, porque nós temos direito a ser exigentes, porque nós não fomos tão trabalhadores quanto ela, mas somos igualmente apaixonados pela ideia de Coimbra. E acho que devíamos fazer um esforço acrescido nos tempos próximos para conseguirmos um terreno ou uma instalação degradada que pudesse ser recuperada para a nossa Sede definitiva e para o Centro ou para o Lar de Idosos da nossa Associação.

E, porque é que eu digo que é a altura própria? Porque vêm aí as eleições autárquicas e eu ponho-me já à disposição da Direcção para fazermos uma ofensiva vigorosa, forte, junto da Câmara de Lisboa e da Câmara de Oeiras - que foram aquelas a cuja porta já batemos - uma quase se fechou, a outra não tanto - mas vamos insistir e vamos ver se conseguimos neste mandato ter uma Sede definitiva e um Lar da Terceira Idade.

Acho que é uma coisa que está ao nosso alcance e que poderá valorizar muito a nossa Associação, porque o facto de estarmos hoje reunidos no Instituto Português da Juventude não quer dizer que esqueçamos a idade que temos, que esqueçamos que montes de nós poderão vir a precisar amanhã de um fim de vida calmo e tranquilo, em plena camaradagem num Lar da Terceira Idade dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa. Esperemos que isso seja possível e... agora

Muito Obrigado a Todos"



Os Órgãos Sociais à mesa...



A Direcção empossada



Os Assessores Culturais

Em nome da Direcção, falou a sua Presidente, sintetizando os objectivos que irão nortear este mandato (nas palavras que constituem o Editorial).

Apostas as preciosas "firmas", - *consumatum est...*, abriu-se o pano com o *Grupo Jurídico de Canto e Guitarra de Coimbra* - uma actuação muito aplaudida das guitarras do Lopes de Almeida e do David Leandro, a viola do António Toscano e as vozes do Nascimento Ferreira e do Rodrigues Rocha.

Depois, expectativa das expectativas, o nosso Grupo Coral AD-HOC fez a sua estreia em público!

Fez-lhe a apresentação o Gustavo Cerdeira, com a graça e oportunidade das suas rimas; leram poesias de excelente escolha a Maria Antónia Dionísio, a Olga Reis, a Sílvia Rosas e o Menezes Falcão; e cantaram e tocaram os membros do coro, com uma mestria e vigor de quem está no limiar do profissionalismo... Os aplausos assim o testaram!

Chegou o momento coloquial "*Em Torno da Guitarra*", que comportou a apresentação pelo Dr. Almeida Santos do livro "*A Guitarra Portuguesa - Património Cultural - Aproximações Histórico-Musicais à sua Génese e Fixação em Portugal*", da autoria dos Colegas Eduardo Aroso e Álvaro

Aroso, que se deslocaram de Coimbra, juntamente com o José Santos Paulo para nos brindarem também com um verdadeiro e inédito Concerto, a exemplificar a evolução da guitarra desde o seu aparecimento no Séc. XVIII, tendo o José Paulo tocado com afinação antiga (dó maior) e com afinação actual e cantado peças de Fernando Pessoa.



O Concerto em pleno

No final, a consagrada Serenata de Coimbra pelo sempre pronto "*Grupo Porta Férrea*", com o Carlos Couceiro e o Teotónio Xavier à guitarra, o António Toscano e o Durval Moreirinhas à viola, e as vozes de António de Almeida Santos, Carlos Carranca, Rodrigues Rocha e Mário Veiga.

Como elemento-surpresa, um grupo de fados da Associação Académica de Coimbra, o Grupo Misto de Tunos e Orfeonistas, ofereceu-nos a frescura das suas vozes e o vigor das suas guitarras e violas, num espírito da generosidade e confraternização que tem ligado o antigo ao actual estudante de Coimbra.



O Grupo de Coimbra

Assim demos começo a mais três anos da nossa vida associativa.

A Direcção

CONFERÊNCIAS

I - SOBRE "EÇA DE QUEIRÓS"

Ainda dentro do ano queirosiano, teve lugar no dia 19 de Fevereiro (no Hotel *Zurique*), uma brilhantíssima conferência pelo Prof. Doutor da nossa Universidade Carlos Reis, Presidente da "Comissão para as Comemorações do Centenário da Morte de Eça de Queirós" e também Director da Biblioteca Nacional de Lisboa, ouvida em suspenso pelos 90 "discentes", que, no debate final, se revelaram inesgotáveis e incansáveis na formulação de perguntas, a que o "Mestre" respondeu até fora do limite horário razoável...



O Conferencista



Parte (pequena...) da assistência

Foi o próprio Conferencista que sintetizou a sua intervenção da forma que segue:

"SOBRE AS OBRAS FINISSEculares DE EÇA DE QUEIRÓS"⁽¹⁾

1. Nas suas obras finais (que são as que aqui especialmente importam), Eça contempla elementos

históricos, simbólicos e míticos. Não deve ignorar-se que a escrita destas obras finais - e também dos contos, das crónicas de imprensa e até das cartas dos últimos dez anos de vida - ocorre num tempo de mudança ideológica; assim devemos considerá-lo, se confrontarmos este Eça com o das Conferências do Casino.

A transformação ideológica acha-se atestada em obras como *A Cidade e as Serras* ou *A Ilustre Casa de Ramires*, bem como, de forma enviesada, n'*A Correspondência de Fradique Mendes* e ainda em textos doutrinários desse tempo: por exemplo, o texto "Positivismo e Idealismo", representando o reencontro de Eça com questões que, na sua reflexão metaliterária, eram, afinal, anteriores à última década do seu trajecto literário, como se sabe pela carta-prefácio d'*O Mandarim*, escrita em 1884. Eça confirma agora, nesse depoimento de 1893, a recuperação da imaginação, quando procura explicar a causa da revolta anti-positivista, a que assiste em Paris. Para além disso, a evolução dos movimentos artísticos desse tempo, assim como o rumo que vai tomando a criação literária constituem, desde logo, sintomas de uma revivescência idealista que assinala também o definitivo colapso do naturalismo. Não se trata apenas de assinalar um devir estético-cultural que compreendia também o parnasianismo, o decadentismo, o simbolismo e o impressionismo pictórico: esse devir comportava uma intolerância ideológica e mesmo uma violência anti-jacobina e anti-positivista em que se movia a juventude estudantil parisiense; mas, por outro lado e permitindo um juízo de inegável sedução e apreço, isso a que Eça chamava "nevoeiro místico que em França e em Inglaterra está lentamente envolvendo a literatura e a arte" favorecia a afirmação de uma espécie de socialismo cristão, a que não era estranha uma certa simpatia pela mensagem franciscana.

2. Uma das personalidades (já não uma mera personagem de ficção) mais interessantes e modernas da produção deste Eça final é a figura de Fradique Mendes. Reaparecido em 1888, como

(1) O presente texto é uma parte do prólogo da edição conjunta, em versão espanhola, d'*A Correspondência de Fradique Mendes*, d'*A Ilustre Casa de Ramires* e d'*A Cidade e as Serras*, a publicar pela editora Espasa, de Madrid; daí a feição deliberadamente descritiva que aqui se contempla.

singular autor de cartas que Eça de Queirós dá a conhecer, Fradique constitui-se como reencarnação, agora revista e refinada, desse outro Fradique Mendes satânico e decadentista, que em 1869 fora inventado em parceria com Antero de Quental e Jaime Batalha Reis. Longe desse tempo romântico e provocatório, este novo Fradique é de certa forma anunciado no final d'*Os Maias*: remete para ele a apologia do genuíno que então caracteriza Carlos da Maia, herói desencantado do romance. O retorno ao genuíno completa-se com outras atitudes: a dispersão e o diletantismo, a regular referência a Paris como lugar de residência, o dandismo, tudo isso remete para Fradique Mendes, poeta das "Lapidárias" e figura já tipicamente pós-naturalista. Pode dizer-se, aliás, que o fundamental da atitude crítica cultivada por Fradique decorre do seu posicionamento ideológico em relação a Portugal, à sua cultura e à sua evolução histórica recente. Para Fradique, o liberalismo surge como responsável por uma lamentável descaracterização de costumes; a democratização da vida pública, a igualização de comportamentos e indumentárias, os hábitos políticos de Lisboa tornam-na insuportável para esta figura que não se dispensa, entretanto, de elaborar uma série de notações críticas sobre tipos e costumes do Portugal da Regeneração. Por outro lado, o perfil psicológico de Fradique e as suas concepções estéticas apontam para a contestação dos estereótipos dominantes na cultura burguesa de meados do século e em particular para a superação de uma concepção utilitária, profiláctica e socialmente ilustrativa que era própria da literatura realista. Nesta personalidade de recorte pré-heteronímico avulta, por fim, um esboço de poética, traduzido na refutação do estafado lirismo romântico, de extracção lamartiniana e propenso ao culto da forma como estádio superior de uma arte idealizada.

Trata-se, então, de tematizar a literatura pela voz de Fradique Mendes. Ocorrendo em momentos cruciais da evolução literária queirosiana, uma tal tematização não atesta apenas a relevância institucional que a literatura atingira no século XIX, como evidencia sobretudo uma modernidade que o fradiquismo e as suas concepções estéticas vêm culminar. Neste caso e praticamente no termo final da sua reflexão sobre o escritor, sobre a literatura e sobre a criação literária, Eça dá voz e personalidade autónomas a um Carlos Fradique Mendes especialmente preocupado com a literatura e com o seu destino: defendendo posições elitistas e anti-realistas, Fradique postula a dimensão formal da obra literária como sua componente dominante, afirmada quase como obsessão de efeitos mutilantes. Incapaz de atingir a forma perfeita (e, por isso, de compor o livro em que ela plasticamente se expressasse),

Fradique reduz a literatura ao silêncio e morre como escritor puramente virtual. Ficam as suas cartas: divulgando-as n'*A Correspondência de Fradique Mendes*, o biógrafo e editor anónimo que muitos confundem com Eça, favorece a afirmação, num registo epistolar fortemente interpelativo, de um pensamento a que chamamos fradiquismo, pensamento não isento de traços paródicos e mesmo auto-críticos.

3. No romance *A Ilustre Casa de Ramires* pode observar-se uma reelaboração e aprofundamento do realismo crítico, em conjugação com elementos como a atracção pela História ou a preocupação com o destino de Portugal. Do que agora se trata é de representar temas relacionados com uma questão melindrosa, assim vivida desde os anos de afirmação da Geração de 70: a relação do intelectual com o seu passado histórico ou, noutros termos, a dialéctica entre tradição e renovação. Convém recordar que a reflexão crítica levada a cabo pela Geração de 70 pretendia ser uma forma dinâmica de revitalização da consciência cultural, cívica e histórica do País; não raro esse labor deparou com reacções exaltadas, de que são exemplo paradigmático controvérsias que Eça manteve com intelectuais do seu tempo (como Pinheiro Chagas), a propósito da problemática do patriotismo. Ao mesmo tempo, a oposição de escritores como Eça, Oliveira Martins e Guerra Junqueiro ao Ultra-Romantismo sentimentalista incidia, com frequência, no artificialismo e no empolamento com que os poetas da segunda geração romântica portuguesa assumiam uma atitude de nostálgica evocação do nosso passado histórico.

Privilegiando uma temática de índole histórica, o romance *A Ilustre Casa de Ramires* tende a superar uma visão estática e nostálgica do passado nacional. Num momento em que estavam ainda vivas as sequelas do Ultimato inglês de 1890 (que gerara uma crise nacional semelhante à que virá a ser a de 1898 em Espanha) e patente a debilidade histórica portuguesa em fins do século XIX, o romance parte da História e do passado, para tentar construir uma mensagem de revitalização dos legítimos herdeiros desse passado. Para isso, Eça concebe não uma história ficcional, mas duas, que habilmente se articulam ao longo do romance: a história da vida monótona de um genuíno fidalgo português, Gonçalo Mendes Ramires, cujas origens familiares remontam aos primórdios da nacionalidade, e a do episódio histórico relatado por esse mesmo fidalgo na novela "*Torre de D. Ramires*". Nesse segundo relato (um relato dentro do relato) destaca-se, então, a personalidade do antepassado medieval Tructesindo Ramires, exemplo de fidelidade a princípios de lealdade e honra senhorial.

Aquilo que dinamiza a evocação do tempo medieval é a possibilidade de se estabelecer um diálogo de pendur crítico entre o passado e o presente. E nesse diálogo avulta o contraste entre os comportamentos de Tructesindo e os de Gonçalo: o que naquele era força física e anímica, sentido de dignidade familiar e independência de atitudes, é, em Gonçalo, debilidade, estreito interesse pessoal e dependência em relação ao poder político e económico. No final, a História surge como dinamizadora de um presente que dela há-de apreender uma mensagem de exemplar revitalização.

A opção final de Gonçalo, decidindo partir para África, remete, no extra-texto da História do Portugal finissecular, para a necessidade de superar a debilidade que afectava a Nação. Desde o Ultimato inglês, uma tal superação passava pela questão de África e pela regeneração do nosso poder colonial, símbolo, se mais não fosse, de empreendimentos históricos que havia que respeitar e prolongar. Hipotecar as propriedades estagnadas do interior do Portugal europeu e conseguir em África, como o faz Gonçalo, proventos para restaurar um património secular parece ser uma orientação esboçada no capítulo final do romance, orientação não destituída de ambiguidades, até por não ser ela comentada pelo narrador omnisciente, mas apenas discutida pelas personagens. Assim, *A Ilustre Casa de Ramires*, diferentemente da relativa clareza semântica dos romances naturalistas, fica disponível para as respostas interpretativas que o leitor lhe dará - respostas que dependem também da aceitação de uma outra proposta interpretativa: a que é enunciada pela personagem João Gouveia, ao sugerir que Gonçalo encerra em si as qualidades e as contradições do próprio Portugal.

4. O romance *A Cidade e as Serras* é indissociável do tempo em que Eça de Queirós viveu em Paris (de 1888 a 1900), tempo fértil em acontecimentos políticos, sociais e culturais que o escritor teve oportunidade de acompanhar de perto e, não raro, de comentar circunstanciadamente nos seus textos de imprensa. Época de grande desenvolvimento técnico e científico, o fim de século parisiense que Eça pôde observar de perto acha-se em grande parte representado, nos seus excessos e nos seus mitos, n'*A Cidade e as Serras*, romance culminante dessa vivência finissecular, contraditoriamente dividida entre o tédio e a euforia civiliza-

cional: o momento culminante desta última foi a Exposição Universal de Paris, emblematizada na construção da Torre Eiffel (1889); para além disso, o tempo parisiense de Eça é também o de uma pletera de movimentos artísticos e ideológicos em que se contam o impressionismo, o simbolismo e o decadentismo, mas também a crise do positivismo, a falência do naturalismo e a emergência do intuicionismo.

Sendo assim, pareceria que existiam condições para que Eça de Queirós se mantivesse, em todos os aspectos, afastado do seu país. Nada mais ilusório. De uma forma insistente, Eça conservou-se sempre atento ao que se passava em Portugal, que, aliás, visitou neste período e normalmente por temporadas relativamente longas: em 1889, quando integra os "Vencidos da Vida"; em 1890, durante cerca de quatro meses; em 1892, quando visita Santa Cruz do Douro (a Tormes d'*A Cidade e as Serras*); em 1895, outra vez por vários meses; em 1898, quando testemunha as celebrações do quarto centenário da viagem de Vasco da Gama à Índia e de novo visita Santa Cruz do Douro, onde volta no ano seguinte, naquela que foi a sua derradeira viagem a Portugal.

Já por força dessas visitas - que hão-de considerar-se frequentes, atendendo aos meios disponíveis na época -, já através da intensa correspondência que mantinha com amigos portugueses, já pelas funções que desempenhava, Eça nunca verdadeiramente se desligou da vida pública portuguesa e de acontecimentos fulcrais como o Ultimato inglês, em 1890, a tentativa de implantação da República, em 1891, e o suicídio de Antero de Quental, também em 1891. Tanto agora, como no passado do seu trajecto profissional pela Havana, por Newcastle e por Bristol, chega a ser surpreendente verificar como foi possível que um Eça de facto ausente do seu país durante cerca de um quarto de século, tenha sido capaz de representar costumes, tipos e cenários com a nitidez e com o talento só acessíveis a um grande escritor.

É neste caldo finissecular de acontecimentos, de experiências e de movimentos não raro contraditórios que fermentam as derradeiras obras queirosianas e particularmente *A Cidade e as Serras*, romance que estabelece, além do mais, relações com outros textos, que não apenas com o conto *Civilização*, de onde directamente proveio. Referimo-nos a textos que, nos anos finais do

século XIX, preparam o aprofundamento temático e ideológico que a passagem do conto ao romance há-de consumir. Mencionemos alguns desses textos e aquilo que eles anunciam: no mesmo ano de 1892 em que aparece *Civilização*, Eça publica "A decadência do riso", elogio e tentativa de revalorização de uma qualidade - a capacidade de rir - perdida por causa da civilização; ainda nesse ano, proclama as virtudes da simplicidade rural em "Quinta de frades", crónica surgida na *Gazeta de Notícias* (do Rio de Janeiro), depois transformada em carta de Fradique Mendes, o que permite também confirmar os nexos existentes entre este último Eça, o fradiquismo e determinados sentidos dominantes em *Civilização* e *n'A Cidade e as Serras*; em 1893 - e reforçando os nexos referidos -, aparece na mesma *Gazeta de Notícias* (jornal que, como se vê, revelou aspectos axiais do pensamento queirosiano) o texto "Cozinha arqueológica", afirmação inequívoca do sentido da autenticidade, manifestada através da culinária, fenómeno de cristalização da identidade cultural. O romance *A Cidade e as Serras* integra e de certa maneira culmina esta constelação de sentidos em desenvolvimento. Isso não o isenta, contudo, de ambiguidades, suscitadas em primeira instância pela situação narrativa que no relato se instaura: Zé Fernandes, assumindo um posicionamento de companheiro e também de observador do protagonista, relata a existência de Jacinto em Paris, rodeado de todos os instrumentos que a Civilização do fim do século oferece, mas existência progressivamente marcada por um tédio e por um desencanto que contradizem o progresso envolvente.

Torna-se rapidamente evidente que o olhar lançado por Zé Fernandes sobre o espaço do luxo e da civilização parisienses em que vive Jacinto institui-se como factor de refiguração crítica desse espaço: nesse olhar afloram reminiscências de um espaço natural, vigoroso e puro, que é o Portugal rural de onde chegara o narrador. A sua argumentação, ao mesmo tempo jocosa e desenvolta, será decisiva para favorecer o regenerador reencontro de Jacinto com esse cenário. A partir daqui - quer dizer: a partir da instauração de uma voz narrativa eminentemente subjectiva, crítica e dialógica - confirma-se a estrutura basilarmente dialéctica da história (Paris *versus* Portugal rural), do mesmo modo que se reafirmam os sentidos fundamentais que ilustram esse desenvolvimento.

Esses sentidos, insinuados n'*A Cidade e as Serras* como ampliação e aprofundamento do que pode ler-se no conto *Civilização*, têm que ver, primeiro que tudo, com uma certa distância, que é agora a que vai de Paris ao Douro, no Norte de Portugal. O incremento da distância arrasta uma mudança de paradigma: se em *Civilização* a confrontação se processa entre (aparentemente) a cidade-capital e o espaço rural da província, n'*A Cidade e as Serras* essa confrontação exerce-se em função da díade Paris-Tormes, o que obviamente favorece outras confrontações, estabelecidas de forma virtualmente mais conflituosa: estrangeiro *versus* Portugal, civilização *versus* natureza, cosmopolitismo *versus* ruralidade, artificialidade *versus* autenticidade, etc.

Regressado a Portugal, mais propriamente ao Douro dos seus antepassados, Jacinto depara, entre perplexo e fascinado, com uma paz e com uma autenticidade aparentemente perdidas. O retorno às serras permite, assim, o reencontro com uma espécie de origem perdida, com uma alegria de viver que Paris tinha atrofiado.

Articulado em termos dialécticos, o romance não se resolve, no entanto, na linear apologia da pobreza campestre contra os luxos da cidade, porque, nas serras, Jacinto revolta-se contra a rudeza dos casebres em que vivem famílias miseráveis e procura atenuar essa miséria. Ao mesmo tempo, entreabre Tormes à civilização, buscando um equilíbrio que parece a síntese conclusiva do processo dialéctico mencionado. É Zé Fernandes quem o testemunha, pelo filtro do seu olhar e pela sua mediação subjectiva: aludindo ao "perfeito e ditoso equilíbrio [que] se estabelecera na alma do meu Príncipe", Zé Fernandes observa a moderada incorporação, nas serras, de objectos da civilização, culminando com a chegada do telefone. Depois disso, "o Progresso, que, à intimação de Jacinto, subira a Tormes a estabelecer aquela sua maravilha, pensando talvez que conquistara um reino novo para desfiar, desceu, silenciosamente, despedido, e não avistámos mais sobre a serra a hirta sombra cor de ferro e de fuligem". Conclusão de Zé Fernandes: "Então compreendi que, verdadeiramente, na alma de Jacinto se estabelecera o equilíbrio da vida, e com ele a Grã-Ventura, de que tanto fora o Príncipe sem Principado".

Carlos Reis

II - GLOBALIZAÇÃO, CULTURA E FADO DE COIMBRA

No dia 19 de Maio deste ano decorreu mais um almoço-conferência promovido pela nossa Associação. Desta vez teve lugar na ADFA (Associação dos Deficientes das Forças Armadas), por obséquio do seu Presidente e nosso caro associado Dr. António Capela Gordo, que amavelmente pôs à nossa disposição as instalações daquela instituição.

O almoço passou-se em excelente convívio, como é nosso apanágio, após o qual nos dirigimos para a ampla sala de conferências, onde ia decorrer o programa previsto para o resto da tarde, de que faziam parte uma conferência do escritor e jornalista José Jorge Letria, actualmente Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Cascais, e um recital de fado de Coimbra pelo grupo de fados Sé Velha, de Riachos.

As expectativas não saíram goradas: tudo correu como (senão melhor do que) se esperava.

A Fátima Lencastre, nossa Presidente, abriu a sessão, anunciando o programa e fazendo a apresentação do conferencista, que vinha a convite do colega Carlos Carranca, Assessor Cultural da Direcção da nossa Associação.

A conferência era sobre *Cultura e Globalização*, um tema palpitante de modernidade a que ninguém nos nossos dias pode ser alheio. De facto, o assunto da globalização é connosco, com todos nós, velhos e novos. Todos estamos na mesma corrente, todos somos levados no mesmo sentido. A globalização é a tendência evolutiva do mundo contemporâneo, e não se pode fazer parar a história.



O Orador ao centro

Olhamos aterrorizados para o mundo debaixo dos nossos pés, e que se nos depara a cada passo?

Terrorismo, violência, desrespeito pela vida humana, subversão de valores, abjeccionismo, apologia do reles, pedofilia, aviltamento dos costumes em geral, tudo isso com a tolerância cúmplice do Poder e a ajuda impune da comunicação social. Tememos pelos nossos filhos, pelos nossos netos, habitantes do mundo que estamos a preparar para eles e que lhes deixaremos em testamento.

Será (pensariam alguns de nós) que o conferencista vai ter coragem de abordar alguns destes aspectos da vida moderna? A *globalização* descontrolada que se está a operar ante o olhar complacente dos gestores desta *laranja mecânica* não será causa (ou uma das causas) da perda de referências no mundo em que temos de viver e onde não-de viver os nossos filhos e netos?

A resposta tivemos-la, clara, desassombada, na dissertação magistral de José Jorge Letria, que durou cerca de três horas. Três horas! E com o animado debate que se lhe seguiu, passou das três horas e meia. Semelhante, em duração, só as peças oratórias de Fidel Castro. Todavia, não foi soporífero, muito pelo contrário. Ninguém deu pelo correr do tempo.

Na verdade, todo o auditório se mostrou *empolgado* pela forma como José Jorge Letria apresentou e desenvolveu o tema, mostrando-se seguríssimo na matéria, não só enquanto conhecedor dos factos da *globalização* e das suas implicações culturais, mas também enquanto crítico das respectivas consequências nas diversas áreas da sociedade moderna.

Salientamos o rigor que o conferencista pôs sempre na citação e análise dos malefícios da globalização quando deixada envolver sem referências deontológicas, simplesmente levada na enxurrada da fatalidade histórica; a exemplar lucidez com que formulou os seus arrojados juízos sobre o mundo contemporâneo, expondo-os com a máxima clareza, frontalmente, por palavras directas, precisas, sem desnaturar a realidade com eufemismos e flores de retórica, mesmo ante questões de maior melindre; e, ainda, a qualidade literária do discurso, tanto mais que sem suporte escrito, produzido ao sabor da emoção, ainda que, já se vê - e bem se via - trabalhado por um poeta, isto é, por um manipulador experiente da linguagem.

A exposição suscitou um debate vivo, que José Jorge Letria dominou brilhantemente, esclarecendo alguns meandros mais escusos da problemática que tinha abordado



A assistência atenta...

A segunda parte da sessão foi preenchida com fados de Coimbra. Os números foram apresentados pelo "nosso" *Camané* (Carlos Alberto Lima) com o peculiar humor coimbrão. Os cantores (Dominique Ventura, Frederico Alexandre e Feliciano Dias) e os instrumentistas (Joaquim Baldaia e Mora Leitão, à guitarra, e Carlos Lima, à viola), os novos e os mais antigos, todos tinham a mesma idade, no timbre das vozes, na agilidade das mãos, no sentimento que transmitiam à interpretação da tradicional canção de Coimbra, na jovialidade do porte. A sua actuação terminou com a já clássica balada *Coimbra tem mais encanto*, tendo a participação de alguns elementos da Direcção da Associação, que subiram ao estrado para o efeito, e a costumada colaboração de todo o auditório.



O Grupo

Foi uma sessão para não esquecer.

Eduino de Jesus

NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS... EM 2000 (foram 20):

Dr. Renato Freire Figueiredo,
Dr. José Manuel Moura de Mesquita,
Dr.ª Maria do Rosário Duarte Paulo Dias Pereira Forjaz,
Eng. João Luís de Paços Pereira de Castro,
Dr.ª Maria José Teixeira de Araújo Pereira,
Dr. Teófilo Nunes da Franca,
Eng. José Guilherme Castelo Martins Penha,
Dr. Euclides Mendes Pinhal,
Dr.ª Maria Júlia Gomes Simões,
Dr. Alfredo Ricardo Resende Tropa,
Dr.ª Ana Paula Matos Barros,
Dr.ª Emília da Glória da Silva Monteiro Araújo Coutinho,
Dr. Ricardo António Ferreira Dias,
Dr. Carlos Afonso Jardim Anselmo Vaz,
Dr.ª Maria Alice dos Santos Dias Pereira,
Dr. Manuel Marques de Almeida,
Eng. Vitor Manuel Figueiredo de Almeida,
Dr. Francisco Cruz M. David,
Eng. Mário de Gusmão Franco Martins, e
Dr. Luís Victor Gomes da Silva;

EM 2001(até 11 de Junho foram 25):

Dr.ª Maria Amélia dos Reis Bento Palma Féria,
Dr.ª Catarina Santos Alves Catela Araújo,
Dr. Joaquim Gonçalves Azevedo,
D. Maria Manuela C. Frias Matos da Costa,
Dr. José António Aranda da Silva,
Dr.ª Maria Neves Simão,
Dr.ª Noémia de Jesus Miranda,
Dr. Ernesto Alberto Theile,
Dr.ª Graça Maria da Silva Patrão,
Dr.ª Maria Graziela Pais Cortez de Lencastre,
Dr.ª Maria Natália de Sousa Maia de Moraes,
Dr.ª Maria Armantina Jorge Batalha Lino,
Dr. Manuel Luís da Costa Cabral Correia,
Dr.ª Maria de Jesus Serafim Rita Pinto,
Eng. João Manuel Catarino Tavares Vilaça Ramos,
Dr.ª Fernanda Baptista Varela Vilaça Ramos,
Dr. António Fernando Pinto Pegado,
Dr.ª Maria Angelina de Menezes Conde Rodo,
Dr. José Silva Medeiros,
Dr.ª Sara Godinho Moreira Martins,
Dr.ª Maria da Conceição Santos Mota,
Arq. António Sarrico dos Santos,
Dr.ª Maria Helena Alves Montalvão da Cunha,
Dr.ª Maria de Fátima Nobre da Fonseca, e
Dr.ª Maria Fernanda Quadros G. Dantas.

TERTÚLIA ACADÉMICA

Realizou-se uma no dia 11 de Maio, na nossa Sede, com o tema "*Quinhentos e Um Ano Depois...*", a cargo de *Francisco Chichorro Rodrigues & Filho*.

Começou o Francisco por descrever a experiência que ele e o Francisco Raposo (também presente e interveniente) viveram, in loco, aquando das Comemorações dos 500 Anos de Descoberta do Brasil, tão bem sintetizada na legenda de uma fotografia histórica que ofereceu à Associação:



"Tínhamos pernoitado em Conceição da Barra. Manhã cedo, ... seguimos nosso caminho, longo, até que ..., era Sábado da Aleluia, dia 21 de Abril do Ano da Graça de 2000, depois de passarmos ... outras serras mais baixas a sul, de terra chã, com grande arvoredo, topámos um grande monte, mui alto e redondo ... a quem o Capitão Pedro Álvares Cabral, ao vê-lo, 500 anos precisos antes, ... pôs o nome de Monte Pascoal, e aquela terra de Terra de Vera Cruz. Ali nos esperavam os índios Pataxós, com os braços abertos. Também foram eles que, 500 anos antes, receberam a Lusã Gente ..

Que se saiba e ao que consta, fomos os únicos portugueses que ali estiveram naquele dia.

As "Comemorações" seriam trinta léguas mais a norte, no dia seguinte. Também lá estivemos misturados com os "pobres" em Porto Seguro, em Cabralia e na Coroa Vermelha.

Os Chicos

Costa Raposo e Chichorro Rodrigues
(Sócios n.ºs 276 e 13 da AAECL)"

Seguiu-se uma erudita comunicação pelo Jorge Chichorro Rodrigues, que despertou o interesse e diálogo entre os participantes (como é, aliás, o sentido de uma tertúlia...).

Eis o texto:

"RELAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS

Não é fácil falar das relações luso-brasileiras sem uma forte componente emotiva e sentimental. Antes de mais, é preciso ter muito cuidado para não ferir o lado de lá, que já existia antes de lá chegarmos - e existia na humaníssima forma do que chamamos índios, nome derivado de Cristóvão Colombo julgar que tinha chegado à Índia, em 1492. Referir «descobrimento do Brasil» é possível desde que se considere que não havia uma nação formada, na América do Sul, em 1500, mas isso não significa que não existia aí uma humanidade, para além de papagaios, pau-brasil, e praias a perder de vista.

Que características tinha a «exótica» humanidade que os portugueses foram encontrar na costa brasílica? Eram os índios bons selvagens? Ou canibais sem rei nem lei? Para quem ia da Europa, com uma mentalidade quase medieval, aquela gente com as «vergonhas» à mostra prestava-se a todo o tipo de assombros, de fascínios, de medos... Dir-se-ia que o mundo voltava ao princípio, ao Jardim do Éden, como especulei romanescamente no meu livro *O Princípio do Mundo*, cujo herói deixa uma longa descendência mestiça.

O Brasil é na sua raiz mestiço, com sangue de europeu, índio e africano, sendo a mestiçagem muito mais do que física - mental. Um branco brasileiro tem características mentais de um índio e de um africano, e um negro brasileiro tem traços psicológicos do europeu e do índio. Um estudo recentemente divulgado indicava que a mulher branca brasileira tem 35% de genes índios... Todas as etnias que posteriormente chegaram ao Brasil, desde polacos a italianos, sírios ou japoneses, integraram no seu modo de ser essa mestiçagem dos três primeiros séculos, tão profunda que olha para o futuro com a solidez de uma identidade que, para nosso orgulho, fala português.

Dos índios, que eram cerca de cinco milhões quando da chegada de Cabral, restam hoje cerca de trezentos mil, mas isso não significa que eles tenham sido dizimados indiscriminadamente. Houve excessos, como há sempre em processos de confrontos de culturas, mas no caso do Brasil eles terão sido menos radicais do que, por exemplo, no caso

espanhol. Ainda ontem num programa de arte da TVCabo, retive uma afirmação de Freud acerca de Salvador Dali, em Londres, dizendo o famoso psicanalista após conhecer pessoalmente o pintor: «*Dali é o protótipo perfeito do espanhol, um fanático*».

Ora, para bem e para o mal, o português não é tão fanático como o espanhol. O português relativiza, tem uma diferente noção de tempo e de espaço, o que terá proporcionado um confronto mais ameno com a humanidade encontrada do outro lado do Atlântico. Se a América espanhola ficou feita em pedaços, não sendo alheio a esse facto o espírito obsessivo dos seus colonizadores, a América portuguesa, pelo contrário, conservou-se inteira na sua imensidão continental, e com um sorriso de índio a acenar-lhe desde a origem...

O índio encontrado por Cabral e por Pêro Vaz de Caminha vive hoje nas grandes metrópoles do Brasil, senão fisicamente, ao menos na mensagem que legou para a posteridade - uma mensagem de receptividade, de abertura ao próximo, de bondade, de espiritualidade irmanada com a natureza. Em *O Búzio Encantado*, romance que escrevi após *O Princípio do Mundo*, esse bom selvagem volta a aparecer como uma utopia, fazendo eu notar que o tupi (o índio encontrado pelos portugueses que falava a língua geral) se confunde foneticamente com o «to be» inglês, como se na verdade, ao ir ao encontro do mundo, nas navegações, o português estivesse a ir ao encontro do Ser, do seu Ser...

Não somos o Pai Adão, mas chegamos a ter a ilusão lírica e poética de que o somos... A dignidade dos índios, os grandes responsáveis pela identidade brasileira - lembremo-nos da lição do Romantismo e de indianistas como José de Alencar ou Basílio da Gama - não nos permite que nos julguemos pais de ninguém... Somos, sim, irmãos deles, irmãos neste Ser que não tem raça nem cultura, nem História nem Geografia, porque em si suporta, com um sorriso nos lábios, todas as raças e todas as culturas, todas as Histórias e todas as Geografias, num tempo intemporal que é o da Ilha dos Amores...

Como disse Fernando Pessoa na *Mensagem*, a abrir o poema «*Ulisses*», marido de Penélope, nome que dei à minha filha luso-brasileira, «*O mito é o nada que é tudo*». Nós portugueses e brasileiros, mais genericamente nós lusófonos, somos o nada que é tudo, ou seja, ao contrário dos

espanhóis, somos nada para podermos ser tudo, somos pequenos para podermos ser grandes... Ao Brasil já se coloca o problema de se achar muito grande, tal como os Estados Unidos ou a Rússia - mas os brasileiros, mesmo pertencendo a uma grande nação, têm lá dentro o elemento português e o índio que os fará para todo o sempre, enquanto houver humanidade, mais líricos e tolerantes do que os americanos, os russos ou os chineses...

É um paradoxo o Brasil: um grande país com alma de menino (basta ouvir Caetano Veloso, Maria Betânia ou Roberto Carlos), um continente que mais parece uma Ilha dos Amores, uma Atlântida a deslizar sem rumo certo desde o mistério de um dos intermináveis princípios do mundo... Porque teria de haver um rumo certo? Porque teria de haver objectivos rígidos e precisos quanto ao futuro? Porque fazer projectos, como os norte-americanos, de levar homens a Marte daqui a vinte anos? Ou de tornar o espaço acessível a turistas milionários?

A linguagem «totalitariamente» científica é um pouco estranha aos brasileiros, que, como nós portugueses, gostam da ciência mas não ao ponto de lhe consagrarem a vida, sobretudo se ela implicar uma grande dose de materialismo. O nosso império não está fisicamente nas estrelas, mas espiritualmente no tal mito de sermos o «nada que é tudo». O mestre Pessoa, admirador da cultura de língua inglesa, não tinha dúvidas de que o inglês deve fazer parte do nosso Ser inteiro, como língua de ciência - mas quanto à componente humana, o tupi, o índio que fomos encontrar no Brasil e que entrou para o nosso imaginário de língua portuguesa, é-nos imprescindível. O «to be» inglês abafaria a nossa identidade sem o «tupi» do Brasil, esse mesmo que o Pe. António Vieira não se atreveu a querer escravizar - porque ele estava condenado a ser livre, como o sopro do vento ou a água dos rios... Assim somos nós os habitantes da Pátria da língua portuguesa - impossíveis de escravizar pela moderna globalização que fala inglês...

Inglês sim, mas com calma... «To be» sim, mas com alma...

“Jorge Chichorro Rodrigues, Maio de 2001”

CONVERSAS QUINZENAIS

Recomeçaram em **24 de Janeiro** com o tema "**Compreender o Tempo**" da responsabilidade da Maria Isabel Barros Ferreira, meteorologista, logo Senhora do Tempo e dos Boletins Meteorológicos! Bem precisávamos de o compreender, naqueles dias tremendamente cinzentos e chuvosos com que Janeiro nos brindou. Através de gráficos e projecção várias, tentou explicar-nos os aparentes caprichos do Tempo. Falou de Anti-ciclones, do Buraco de Ozono, do "El-Niño", do aquecimento real do Globo que provoca degelos, do ritmo das chuvas e furacões. E lançou um alerta: o Homem, num futuro próximo, terá que modificar o seu sistema de vida, optando definitivamente por energias não poluentes. Caso contrário, a Terra caminhará para uma hecatombe. A temperatura, disse, subiu nas últimas décadas, mais do que em 2 mil anos.

7 de Fevereiro - "*Evocação de Castilho, no 2º Centenário do seu Nascimento*" por Fernando Campos, escritor e laureado com vários prémios de Literatura, Foi apresentado pelo Prof. Dr. Henrique Dias, seu amigo de longa data. Fernando Campos evocou primeiro toda a época que antecedeu e rodeou Castilho, época essa que foi de intenso ressurgimento literário na Europa com o aparecimento do Romantismo.

Embora com algum atraso, também este movimento chegou a Portugal e a Castilho, que com Garrett e Herculano a ele aderiram. Mas as suas obras românticas são consideradas demasiado melodramáticas e exasperadas. Analisou depois a vasta obra literária de Castilho e disse que, se na Prosa produziu por vezes páginas notáveis, já na Poesia faltou-lhe sensibilidade, profundidade e imaginação. Apresentado assim Castilho, mais pelo seu lado negativo, suscitou intervenções polémicas. De salientar entre as que foram feitas, as de Helder Rodrigues, João Godinho e José Henrique Dias.

Fevereiro dia 21, "*Conversa de Cinema*" com a exibição do filme "*Capas Negras*" e comentários do apresentador Helder Rodrigues, que distribuiu fotocópias do Cartaz e Programa da estreia em Coimbra.

No fim, foi lembrada por alguns a contestação que o filme gerou em Coimbra, aquando da sua exibição no cinema Tivoli, pois a Academia não

aceitou bem a imagem que o filme transmitia da vida académica.

Mais uma agradável tarde de cinema que Helder Rodrigues nos proporcionou, em que se recordou Coimbra, o Fado e Amália.

Março 7 "*Sociocomunicação de Valores no Teatro Romântico*", por José Henrique Dias

Foi, como não podia deixar de ser, uma magnífica lição sobre Teatro e a sua identificação com os valores sociais e morais da época em que se insere. Nas mais remotas manifestações de Teatro até à actualidade, desde os mais ignorados autores dramáticos até aos mais notáveis, há sempre naturalmente uma intenção, uma necessidade de transpor para o palco a sociedade em que o autor vive.

Aberta ou veladamente, há sempre uma crítica dos valores, dos factos da época, quer de uma forma erudita como Garrett, quer de forma burlesca ou jocosa como Gil Vicente. A chamada Revista à Portuguesa, surgida no Séc. XIX, também é disso exemplo.

Compreende-se pois como o Teatro não pode ser só um espectáculo para divertir, mas deve ser feito e visto como um instrumento de estudo e crítica social.

Março 21, "*Inês de Castro na História e na Lenda*" por Olga Reis.

Com aquele rigor histórico a que a Maria Olga já nos habituou em intervenções anteriores, veio, desta vez, falar-nos daquela tão tristemente célebre figura feminina da nossa História, miticamente cantada por Poetas e Trovadores, lembrada por dramaturgos e demais prosadores, e que sempre beneficiou de uma auréola de mártir por amor. Mas seria esta a Inês real? Foi o que a Maria Olga se propôs analisar e fê-lo com o agrado de todos os que a ouviram, pela clareza e justeza das suas observações.

Citando cronistas da época para repôr a verdade dos factos, sobre o carácter de D. Pedro e das suas relações com D. Constança e com D. Inês, sobre os motivos da sua condenação e morte, levou-nos a uma época perturbada e ainda não suficientemente esclarecida, tantas foram as interpretações falaciosas e míticas que a grande história de amor de D. Inês e de D. Pedro suscitou através dos tempos.

Maio 9, "Ángelo Araújo, ele próprio" por Ângelo de Araújo.

E foi na verdade ele próprio que ouvimos, no relatar da sua vida, quer escolar, quer profissional.

Chegado a Coimbra, teve sempre uma vida académica intensa e participativa. Foi residente na *República do Kalifado*, pertenceu de alma e coração à Tuna, ao Orfeon Académico, ao TEUC, a vários tipos de orquestras. Brasileiradas, Hawaianas, Zíngaros, etc.

Foi e é um cultor de renome do Fado de Coimbra, sendo autor de letras e música de muitos deles. Por fim, e em resposta a perguntas que lhe fizeram, ficamos a saber da sua participação na criação da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, Delegação em Lisboa, da qual foi um dos fundadores.

A conversa terminou, quando, a pedido dos que o ouviam, cantou fados da sua autoria, acompanhado à viola pelo Alcindo Costa.

Maio 23, "Coimbra em Moçambique", por João de Deus Quintela, um dos mais antigos e queridos veteranos da nossa Associação.



Palestra pelo General Quintela

Recordando a sua estadia em Moçambique, como Comandante da Força Aérea, nos anos 60, contou como era frequente encontrar antigos estudantes de Coimbra em Moçambique e como se estabelecia desde logo uma boa amizade entre todos. Referiu-se às excelentes relações que sempre constatou existirem entre aqueles e os moçambicanos. Nunca, enquanto lá permaneceu, percebeu o contrário. Havia sim um convívio amistoso e uma inter-ajuda que se estendia também à população indígena.

Além da exposição de fotografias tiradas em Moçambique, nessa época, expostas no Salão da

nossa Sede, foram ouvidas bonitas canções de Carlos Tudela (também ele antigo estudante de Coimbra), nessa data residente em Moçambique. Havia lágrimas de saudade nos olhos de alguns presentes que por lá tinham estado e vivido.

Junho 6, "Inês de Castro no Cinema Português", apresentado por Helder Rodrigues, profundo conhecedor de cinema e detentor duma preciosa colecção de filmes antigos e consagrados.

Este filme destinava-se a mostrar a versão cinematográfica portuguesa da História de Inês de Castro, tratada na "Conversa" de 21 de Março pela Olga Reis e, como tal, coube à mesma, no final da exibição, a apreciação da película exibida e a reposição da verdade histórica que o filme, nalguns episódios, fantasiosamente deturpa.

Junho 20, "Violante do Céu, no Contexto do Barroco Literário" - por Eduíno de Jesus.

Mais uma vez Eduíno de Jesus nos presenteou com uma bela lição de Literatura.

Violante do Céu, ou melhor, Soror Violante do Céu, como é mais conhecida, nasceu há 4 séculos, precisamente em 1601.

Eduíno de Jesus referiu-se em especial à sua Poesia, perfeitamente enquadrada na Poesia Barroca do Séc. XVII. As suas obras foram, na sua maior parte, escritas em castelhano, o que na época era uso comum em todos os seus contemporâneos, entre os quais citou Francisco Rodrigues Lobo, D. Francisco Manuel de Melo, António Barbosa Bacelar e Padre Jerónimo Baía.

A ilustrar a sua exposição foram recitadas poesias dos autores mencionados e de Soror Violante do Céu. Foram declamadoras a Maria Antónia Dionísio e a Luiza Costa.



O Trio...

Isabel Alexandre

Os Nossos Poetas

CIGANOS

São nómadas de sangue e de magia.
Habitam o lugar que ainda não há.
Vêm de longe da aragem fria
e do ventre da terra a levedar.

São do fundo do tempo são
conformes ao vento são errantes.
Vêm do mundo e lêem-nos a mão.
É a sina de serem como dantes.

Do sangue frio da morte
do sangue quente da vida
levantam suas tendas de peregrinos.

Dão guarida ao viver da sua sorte.
Há miríades de luz apetecida
no fundo dos seus olhos de meninos.
(poema inédito)

Carlos Carranca



N.B. esta fotografia (também ela inédita) é da autoria de Armando Isaac

A ÚLTIMA FOLHA

A última folha
do Outono, ainda
presa ao ramo que a prendia
à vida,

veio
um vento à toa,
desprendeu-a.

E aquela folha,
enfim desprendida
do ramo que a prendia
à vida,

agora
que estás morta,
voa.

Eduíno de Jesus

AS PALAVRAS

ao Fernando Aires

As palavras meu Deus como são
imprecisas volúveis No entanto
elas só (enquanto os homens passam)
guardam para sempre o sinal do tempo

Delas nascem depois os avisos
as borboletas do ar as larvas da terra
elas próprias escavam os abismos
abrem as asas / e o voo (elas só afinal)
desferem

Imprecisas? Volúveis? Mas inamovíveis
elas lá ficam na página branca
à espera de um Levanta-te e caminha
de qualquer voz humana

Eduíno de Jesus

Memórias dos Tempos de Coimbra

I - DA PRIMEIRA FOLHA DA SEBENTA ⁽⁸⁾

UM MOMENTO PARA LUIZ GOES *

Pedem-me para falar de Luiz Goes e acenam-me com *o tempo breve que dura o voo da ave*. Que posso dizer, neste momento de voo por sobre um campo, já não de neve, mas de afecto e admiração, nascidos na Coimbra do nosso encontro de quase meninice. Eu saberei como poucos como tudo começou. Foi num tempo de silêncios impostos e de ousadias transgressoras. Foi numa noite no Liceu D. João III, ambos no palco, em festa de ala que se faz tarde com a universidade por horizonte, que ele trouxe a banida "Feiticeira" do Ângelo de Araújo num timbre revelado e numa força interior de quem bebeu com o povo de Coimbra um outro lado do viver solidário. Nados ambos em Coimbra, passou cedo em nós a asa mansa da sua música, mas a ele tocara-o a sagração dos deuses e uma forma rara de transmitir o sentido. Primeiro revela-se o grande intérprete, logo logo o compositor, também o poeta. Cedo aquele que transgride pela via do intimismo em "Coimbra de ontem e de hoje", em "Canções do mar e da vida", "Canções de amor e de esperança" e "Canções para quase todos". O António Toscano surpreendeu e falou como ninguém do renovador, o protagonista das "interpretações... enriquecidas por surpreendentes e inigualáveis modulações, íntimas de temática explorada, tão exigente esta em expressão dramática quanto incompatível com maneirismos vazios". Nem mais. Luiz Goes recusava e deixava nas gavetas da história um certo tempo da música de Coimbra, aquela a que Paredes chamou das "gatas miadeiras". O Goes não estava para aí virado. Referência assumida, Edmundo de Bettencourt e naturalmente o enternecido olhar de seu tio, Armando Goes. Revolucionário a revolucionar, já nas andanças do "Quinteto de Coimbra", espreita Amélia na beira do rio e anda numa dobadoira a girar entre os temas populares e baladas de amor, com a barca da vida perdida no mar, que há-de chegar um tempo de deixar na areia, poemas de sal que o vento semeia... Faltava e deu-se o encontro com João Bagão para levar em acordes ágeis as palavras de Leonel Neves, baladas da Torre de Anto e romagens à Lapa, a encontrar no portal da velha *Sé alguma guitarra morta, alguma voz do passado*, revisitação de lugares míticos na mitificação da memória. Numa ou outra canção a sober-

ba guitarra de Andias, as irrepreensíveis violas de Fernando Neto e António Toscano, o sublinhado melódico do Durval Moreirinhas e o edifício de acordes de João Gomes, este a pôr música em tantos dos seus poemas. Uma outra música para a matriz coimbrã. Uma sonoridade evocativa que redimensionava os espaços e trazia música e palavras outras para a canção mondeguinta.

Inquieto na busca incessante de fazer caminhos, emotivo e dramático na funda consciência de cada acto criador, digo: capaz de inovar pondo em jogo tudo o que é estruturalmente - sensibilidade de gestos repartidos com todos os homens sós - seus irmãos, de mãos vazias em cada regresso, porque nelas oferece o acto encantatório de inventar sempre uma canção que *dura para além de cada momento*. Poeta do mar, não perde o rumo verdadeiro numa aventura em cada cais, porque amar é responder numa flor "que a noite emurcheceu... a querer abrir-se em nova madrugada... o quase nada que a vida lhe deu... a morrer em sua mão fechada", é este o Homem, o Poeta, o cantor.

Falar de Luiz Goes. Para quê pedirem-me palavras se está aí esse grande e genial artista, a voz única, o maior de quantos houve - há - na música-lareira onde aquecemos a alma? Digamos aqui, neste encontro de gerações, que é urgente reeditar toda a sua discografia. Depois, digamos a cada um de nós, que é preciso que saibamos merecê-lo.

Com Amália e Carlos Paredes, o Luiz Goes está na galeria dos grandes intérpretes deste século, expressões maiores do ser português.

Não falo deste cantinho de invejas e remoques, onde a Europa vem lavar os pés. Digo que é um dos grandes intérpretes para todos os espaços e culturas onde respirar seja igual a saber ouvir, mesmo que não se entendam as palavras. Porque saber ouvir será, afinal, saber sentir o que cada modulação da sua voz transporta e nos oferece de irrepitível universalidade.

Por tudo isto te celebramos, Luiz! Obrigado, irmão!

José Henrique Dias

* A pedido, para que não se perca, este texto lido no Porto, na Homenagem que a academia portuense fez ao Luiz, em Março de 2000, quando do encontro sobre música coimbrã.

Os Nossos Passeios

Cá Dentro

I - CRÓNICA DO FIM DO MILÉNIO

A passagem de Ano e de Milénio na Madeira ilustrou bem a capacidade organizadora da Direcção da AAEC / Lisboa e o sentido de unidade e camaradagem que a norteia, relativamente aos seus sócios e às outras Associações do País.

Foi bonito ver a concentração de 180 colegas no Aeroporto de Lisboa no dia 27 de Dezembro, distribuídos por dois voos, dos quais os de mais longe foram os últimos a sair e, depois, os primeiros a regressar.

O crachat que todos ostentavam, com o nome e Associação de origem, logo permitiu os primeiros actos de aproximação recíproca.

A transportadora aérea teve logo o grande mérito de nos transferir do clima cinzento e invernos do Continente para o sol radioso de uma Ilha florida e já engalanada para os festejos em

que, tradicionalmente, é impar.

Os agentes turísticos locais não se cansavam de glorificar as virtudes da nova pista do aeroporto, só por si capaz de multiplicar várias vezes o número de visitantes e, portanto, como pressuposto de um progresso económico promissor.

E como a Região não brinca em serviço, as auto-estradas, viadutos e pontes esventram a ilha, permitindo fazer em minutos o que dantes estava inacessível ou demorava horas.

As unidades hoteleiras nascem da terra, como a vegetação luxuriante, nalguns casos à custa de atentados ao ambiente que os rodeia.

Tratados como Vip's, num hotel novinho em folha (*o Ocean Park*), de 5 estrelas, junto ao oceano, foi gratificante o *cocktail* de recepção, com a participação de um Coro Infantil.



O Encontro dos 2 Grupos no Hotel

Desportivamente trajados, máquinas de fotografias e vídeos apontadas, e com a disciplina (raramente perturbada) no cumprimento dos horários e na distribuição dos lugares em 4 magníficos autocarros, tecnicamente assessorados por guias sempre simpáticas, a travessia da Ilha do sul para norte em dois dias inteiros, proporcionou imagens de rara beleza e grandiosidade e várias demonstrações da cultura popular, salientando-se a exibição de um Rancho Folclórico.

O mar sem fim e às cores (caso da Ribeira Brava), os montes cobertos de vegetação exótica

(ninguém se esquecerá da Lorissilva, floresta de madeiras exóticas, património da UNESCO, uma raridade quase única no mundo) os cumes a tocar os céus (ora limpos, ora cobertos de névoa) os vales sem fundo, são um manancial de maravilhas da Natureza naquela Pérola de Oceano.

A Natureza é pródiga de sensações fortes, desde o Cabo Girão à Encumeada, e daí para S. Vicente e Porto Moniz e, depois, o Curral das Freiras, o Monte, o Pico do Arieiro, irradiando fascínio e deslumbramento.



Uns tantos no Cabo Girão



A dispersão no Pico do Arieiro

E o que dizer da determinação dos Madeirenses na sua luta contra a insularidade?

Abrir estradas onde não há um palmo livre, com as ravinas a pique sobre o oceano ou em penhascos infundáveis, ou, então, aproveitar agricolamente a terra, em poisos ou socalcos, onde não cabe o homem que a trabalha, são bem o exemplo de determinação de um Povo e do êxito alcançado no convívio possível e na luta entre Homem e Natureza.

A melhor ilustração dessa harmonia foi por nós largamente comprovada na visita ao parque da ve-

getação exótica, salpicada de obras de arte, desde preciosas colecções de porcelana até a inéditos painéis históricos que enriquecem os já de si deslumbrantes jardins, que a Fundação Joe Berardo orgulhosamente exhibe, como espaço de invulgar beleza e serenidade.

Mas os 180 folgazões não podiam esquecer a sua juventude e irreverência académica, não obstante o peso (aliás leve) das idades da maioria.

O seu estatuto na vida e na sociedade e, sobretudo, o espírito coimbrão que exalavam, não foram indiferentes ao grande chefe da região Madeirense.

O nosso colega Alberto João Jardim, à sua maneira fidalga e descontraída, brindou-nos com um magnífico cocktail, mais propriamente um banquete servido no Salão Nobre da Quinta da Vigia.

E, apesar de ter mais eventos à sua espera, não deixou de cumprimentar a chamada "inteligência do País", pedindo desculpa por não nos tratar por "excelências", dado que no seu tempo de caloiro em Coimbra excelência era só o penico.

Orgulhoso da sua obra, deixou a todos o recado de que o apregoado financiamento da Região provém essencialmente dos programas de apoio da União Europeia às regiões periféricas e tem frutificado da maneira que nós próprios poderíamos testemunhar.

Homem determinado e orgulhoso do progresso que imprimiu à sua Região, manifestou-se feliz por estar entre os seus Colegas de juventude.

Agradeceu a Presidente Fátima Lencastre, formulando um voto para que o Dr. Alberto João Jardim incentivasse e patrocinasse (porque não no Funchal?) o futuro Lar do Antigo Estudante.

"Preferia fazer do que prometer, ao contrário de outros que só prometem e não fazem" - foi a resposta.

Mas sempre solicitou um projecto concretizado, caso a ideia fosse além da ocasião...

Também o Colega Gustavo Cerdeira leu uns versos da sua autoria elogiando os progressos e maravilhas da Madeira e o seu promotor:

"Uma canção
não cantada,
mas falada,
dedicada
ao colega
ALBERTO JOÃO.

Mas antes faço um apelo
pedindo-vos clemência
e compreensão
pela irreverência
de uma nota musical
que se ouve na canção
na parte final.

A MADEIRA,
ilha de encantos raros,
e alguns bem caros
e que o diga a carteira,
é a grande paixão
do ALBERTO JOÃO.

Também a MADEIRA o quer
e há muito
que uniram seus corações.
Ela só a ele prefere
como prova em eleições.
Julgo que não invento
se disser
em quase cem por cento.
E se ele fica satisfeito
por ser o seu eleito.

E ela feliz,
serena e calma
a ele se entrega
de corpo e alma.



Um Presidente entre Colegas

Mas...
 "não há bela sem senão".
 "Se não"
 fosse o ALBERTO JOÃO,
 Homem de garra e de fé,
 a MADEIRA
 nunca seria o que é.
 Para ele não há escolhos
 sempre que está em causa
 a Menina dos seus olhos.

Por isso na MADEIRA
 não há retrocesso.
 Em cada ano que passa
 só se lhe vê progresso.

Com o ALBERTO JOÃO
 nada de afrontamento
 quanto à aprovação
 do Orçamento!
 Tal nem tinha jeito
 para a Obra imensa
 que tem feito.

A nós, basta-nos olhar
 para o testemunhar.

P'la MADEIRA, sua dama,
 traz o coração em chama.
 Por ela muito se bate...
 Se houver alguém que a maltrate
 ou que tente pô-la em cheque
 dá-lhe logo xeque-mate.

Xeque-mate!...

Que "tu mates",
 ALBERTO JOÃO,
 Que "tu mates"
 tudo o que não presta
 para que a Madeira
 viva sempre em festa.

Se tal não fora
 digam lá
 se a Madeira
 estaria como está.

Gustavo Cerdeira

As piadas da malta vieram depois, no Show Académico, no Casino, onde, à boa maneira dos Saraus de Coimbra, dos velhos tempos, a todos deliciaram com os sketches exibidos.

A nossa Presidente Fátima, numa demonstração artística invulgar, encarnou a figura do Capuchinho Vermelho, fazendo uma sátira elegante à Governação laranja e à oposição...



O Capuchinho Vermelho na Madeira

Os "4 Pontos Cardeais - outros tantos colegas de Lisboa (Alcindo Costa, Queiroga Chaves, Aurélio Homem Ribeiro e Gustavo Cerdeira) trajados com vestes cardinalícias e assumindo-se como jograis na arte de bem declamar, deram-nos brilhantes momentos de escárnio e maldizer, ilustrando, com assinalável êxito, a irreverência académica.

Também os colegas da Madeira deram o seu contributo com um sketch ironizador da vida política Madeirense. Terminam com a consagrada Serenata por um Grupo de Fados ad-hoc, onde os Colegas Alcindo Costa (Lisboa) e Napoleão Amorim (Porto), nas vozes, e Luís Plácido (Luxemburgo), Teotónio Xavier (Lisboa) e Agostinho Figueira (Madeira), nos instrumentos, exibiram a sua mestria.

No dia 29, a RTP da Madeira consagrou a quase totalidade do seu habitual programa "Pôr-do-Sol" a Coimbra, sua cultura e suas tradições, ouvindo, em estúdio, os Presidentes das Associações dos Antigos Estudantes de Coimbra na Madeira (António Macedo), em Lisboa (Fátima Lencastre) e o Vice-Presidente da de Coimbra (Humberto Fialho), e uma Serenata cantada pelo Alcindo

Costa e Napoleão Amorim e tocada pelo Luís Plácido e Teotónio Xavier - programa que repetiu no dia 1 de Janeiro de 2001!

Coimbra esteve também em pleno nas Festas da Cidade, e com grande destaque, na Grande Serenata, na Praça do Município, onde os "artistas" já mencionados, a que se juntaram o António Macedo (Presidente da AAEC na Madeira) e Luís Filipe Costa Neves (Madeira), nas vozes, viram a sua brilhante actuação brindada com aplausos sem fim de enorme multidão, com saliência para os estrangeiros.



Serenata Monumental



Aniversariantes de Janeiro

Além do Jantar de Gala, tivemos ocasião de brindar o advento do Novo Milénio, no terraço de um Hotel, dali disfrutando o deslumbrante Fogo de Artifício, cobrindo os céus da Ilha e da Baía num inesquecível espectáculo.

Com champanhe, beijos e abraços e EFERREÁS, toda a malta sentiu a felicidade da mudança de ano, de século e de milénio, transmitindo reciprocamente promessas de reforço desta solidariedade académica.

No Jantar de Despedida, já no dia 2 de Janeiro, precedendo os voos de regresso, a geito de balanço, os Presidentes da Associações presentes disseram palavras de agradecimento, estímulo e despedida.

Homenageámos também, com um monumental bolo, os aniversariantes de Janeiro presentes, em especial o Carlos Rocha, o "bébé" desse dia que enfiou o "barrete madeirense" que lhe ofertámos.

A Colega Conceição Campos, autora de livros infantis (assessorada no acto pela Colega Joana, de Coimbra), distribuiu uma lembrança do seu quintal e livros da sua autoria.

Ficou salientada a magnífica organização dos

Colegas de Lisboa e da sua Presidente, e o simpático acolhimento dos Colegas da Associação da Madeira - e a generosidade do proprietário do hotel (também coimbrão), o Eng. Jardim Fernandes.

Foi um convívio ao jeito coimbrão, já secular: iniciou-se como se nos tivéssemos despedido na véspera e terminou com um Amigo "até amanhã"!

CONCLUINDO E RESUMINDO:

Foi bom ir à Madeira!

Heitor Peixoto

(Presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra do Alto Mondego)

NOTA DA DIRECÇÃO:

A realização deste evento não seria possível sem a valiosíssima intervenção do Presidente da AAEC na Madeira, o António Macedo, que conseguiu excepcionais condições e proporcionou o Programa na RTP, o Sarau e a Serenata.

Um sentido e "milénar" BEM-HAJAS!

II - PASSEIO DA PRIMAVERA - 2001

De 28 Abril a 1 de Maio de 2001

Diário de bordo de uma viagem notável

1º dia - 28/4/2001

De Lisboa nos partimos alegremente numa manhã que, de luminosa, constituía um bom augúrio. Depois das "paragens técnicas", atracámos finalmente a **Gaia**, onde fomos bem recebidos

pelos indígenas que nos instalaram comodamente e nos serviram um variadíssimo repasto. Aguada feita, energias restauradas, dirigimo-nos ao **Museu de Arte Contemporânea de Serralves**, em demanda de tesouros artísticos que, se não estavam muito de acordo com o nosso sentido estético, melhoraram os nossos conhecimentos naquela área. Não se pode esquecer uma representação de Cristo, original na matéria e na forma, unindo ou desunindo (juro que nunca o saberei!) Judeus e Cristãos. Depois foi um espraçar pelos jardins belamente floridos até ao embarque a caminho da **Ribeira**. Como ali não havia cais possível, optou-se por um reconhecimento geral do velho burgo portuense e regressámos à doca (Novotel).

Aí tivemos uma noite memorável, um dos pontos altos da nossa mareação. Além do extraordinário convívio, dum jantar num ambiente agradabilíssimo chegou o momento mágico da Serenata. Esta não foi monumental por não estarmos no sacrossanto ancoradouro das escadas da Sé Velha, mas que não deixou de o ser pela qualidade e quantidade que os colegas do Grupo "Trova Nova" (Gondomar) e os nossos Alcindo e Tito nos cantaram.

Um dos que se sentavam junto de mim dizia emocionado: "isto já bastava para justificar o passeio". A saudade era quase palpável. Creio que todos fomos transportados à Coimbra de cada um de nós. Felizes e remoçados, regressámos aos beliches.



Grupo "Trova Nova" e a Direcção

2º dia - 29/4

Foi com grande expectativa que rumámos a **Valença**. Nas naus (vi e contaram-me) a animação foi grande, talvez a esconjurar as caretas que o tempo começava a fazer. Chegados, serviram-nos um almoço animado, no final, por música minhota que a nossa Presidente, com a habitual mestria, aproveitou para uns passitos de dança. Nisto foi acompanhada pela Conceição Campos, organizadora da volta galega. Foi linda a ideia da Conceição de oferecer à Fátima o bordão de peregrino com que havia de nos conduzir a Santiago.

Entrados que fomos em terras galegas, nada nos dizia que estávamos no estrangeiro - as mesmas casas, o mesmo tipo humano e até nomes de povoações eram iguais. As giestas bordejavam as estradas, num louco festival doirado. Apetecia-nos cantar e... cantámos.

Cumprimos a nossa primeira etapa - **Padrón**. A *Casa da Rosalia* é comovente de simplicidade: paredes de pedra nua, tectos baixos com travejamento de madeira à vista, móveis e objectos que lhe foram queridos. É um santuário! Exteriormente uma varanda corrida com guardas de madeira, tão comuns no nosso Norte e Beiras. Percuta-se a alma de quem ali viveu. Soam dentro de nós os seus versos:

*"Cando penso que me fujes
Negra sombra que me assombra..."*

Dizem que faltaram ali, nas cerimónias, as autoridades civis. Confesso que lhes não senti a falta. A nossa homenagem à mulher que tão bem soube cantar na nossa língua arcaica foi sentida e calorosa. Deixámos na base do monumento a lápide que eterniza o nosso apreço e que dizia: "Pelo



A nossa Homenagem a Rosalia

Canto Imortal que nos deixaste - Galega Universal - A Homenagem da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa. 2001/04/29". A Fátima Lencastre falou, a Hélia leu um poema da homenageada. A todos foram distribuídas flores azuis e brancas, cores da bandeira da Galiza e todos cantámos o poema "*Cantiga para quem parte*".

A caminho de Santiago passamos em Milladoiro, lugar onde a nossa Rainha Santa "se apeou da sua cavalgadura e foi a pé até à Basílica Jacobea", onde deixou generosas dádivas entre as quais a sua própria coroa e que o Arcebispo retribuiu oferecendo-lhe o seu báculo.

O pior estava para vir - a nossa instalação atribulada no *Hostal La Salle*. Mas ajudemos a memória a desempenhar a sua função selectiva. Deixemos para trás os aborrecimentos e arquivemos apenas o bom. E este não faltou.

Na **Catedral de Santiago**, engalanada com as nossas fitas, ouvimos missa e uma belíssima evocação da autoria da Conceição Campos, lida pela nossa Presidente:

"Há cerca de dois mil anos, ainda no gineceu familiar, dois jovens ajudavam seus pais na faina da pesca, nas águas amenas do lago Tiberiades.

Um outro jovem, cabelos longos ao vento, túnica lisa tecida por dedos de mulher, sandálias gastas das asperezas do caminho, chegou e disse:

- Vinde pescar comigo, no imenso lago da Humanidade.

Eles, eram Tiago e João, pacatos e humildes, filhos dum restrito mundo que todo o seu olhar abrangia.

Ele, era o moço Jesus de Nazaré, que trazia na transparência do seu olhar a imensidão e a essência de todos os lagos da terra, de todos os rios, de todos os oceanos.

Era luminoso o seu gesto, era confiante de imprecaridade o seu apelo. E os jovens pescadores acreditaram e partiram com Ele.

Viram-no curar lepras, dar vista aos cegos, ressuscitar os mortos. Viram-no, depois, ser crucificado. Mas viram também que não tinha morrido... Que nunca morreria.

Tiago, destemido, na certeza da sua missão, cumpriu a ordem do Mestre.

- Parte... leva por esses caminhos até ao Fim da Terra a minha palavra... A palavra da Salvação.

E Tiago... veio, deixando imperecíveis os seus

passos. Tiago, filho de Salomé e Zebedeu, discípulo de Cristo Senhor.

Vejo-te, mensageiro fraterno... teu corpo leve, ligeiro, decidido, arrojando inóspitas veredas, acochado de brumas e de sois. Por apoio, o tosco bordão; a "esclavina", protegendo teu singelo corpo; o sombreiro de abas longas atenuando a inclemência das intempéries.

E o povo que procuravas, o povo a quem falaste, ouviu e acreditou.

E um tempo novo abriu o seu luar de esperança para o homem de boa vontade.

Hoje, pela nave da Catedral ressoam cânticos... A nossa alma engrandece o Senhor. E na música celeste vem chegando o eco dos passos fraternos do seu Santo Apóstolo.

Caminho de Santiago! Primórdio de todos os caminhos da humana caminhada, até ao encontro do Senhor... Mil noites de Imaús, desfeitas e abertas em redentoras madrugadas.

Assim, as noites da História até ao esplendor da Santa Catedral, que ainda de mil distâncias nos chama e nos congrega.

Eis Don Naustius, o bom Bispo de Coimbra, assinalando em lápide a sagração da Santa Basílica... os caboucos do Caminho...

Depois, sim, foi o rio de toda a Humanidade por ele passando; diáspora sagrada e passos de fraternidade - dádiva, tolerância, humildade, perdão.

Jovens e velhos e crianças, doentes e são, reis, príncipes e vilões, santos e pecadores verdadeiros e falsos peregrinos, lado a lado, encheram de anseios, de vozes, de cantigas, sagradas e profanas, as ásperas veredas de quantos da Galileia ao Finisterra prosseguiram uma estrela de esperança.

Já então a Galiza se vestia de verde e azul, e, como por milagre, os grãos de milho multiplicavam-se no calor dos hórreos; e os racimos, pelo dom do sol, enriqueciam as vides do vinho tinto ou louro - E tudo chegava a todas as bocas, confortando as agruras sobre o corpo e sobre a alma... Era a justa medida solidária. Pouco mais era preciso: "Com pão e vinho se anda caminho". Assim, "A Europa fez-se peregrinando a Santiago".

Terminada a rudeza da viagem, mudadas as roupas fétidas e esfarrapadas, suavizadas de bálsamos as chagas dos corpos maltratados por distâncias e azinhagas, a Porta Santa a todos se abria esplendorosa:

E o Reino de Deus era verdade e Santo o seu Apóstolo.

Tiago, o Bom - companheiro imprescindível de Cristo, até aquele tenebroso dia, em que, pelas três horas da tarde a terra estremecia coberta de noite, o véu do templo se rasgava e Pilatos tremia de horror pela morte do Justo.

Santo Apóstolo - Era primavera quando começavas tu, na nossa Ibérica Península, os mesmos percursos que o Mestre fizera pela Galileia, anunciando o Reino de Deus onde todos somos irmãos.

É Abril - também primavera... E nós viemos.

Vemos pedir-te a leveza dos teus passos como asas, a espontaneidade e simplicidade das flores do campo que teus pés cansados não magoaram, a certeza e a generosidade dos teus caminhos. Queremos viver o júbilo de te sentirmos por perto, incentivando gestos de irmãos. Queremos a tua bênção para a coragem de continuarmos a remar contra certas marés torpes do nosso tempo.

Anda por perto da Santa Catedral a trepidação consumista, o desenfreamento dos mesquinhos prazeres, o lasso facilitismo imediatista... E as condutas dos homens aproximam-se da convivência.

Queremos dar aos nossos passos um sentido de mais perfeita Humanidade. Em Coimbra, fomos contagiados duma saudade sadia, construtiva, vinculada à generosidade da nossa então juventude. Em Coimbra, vivemos o companheirismo que ainda agora nos aglutina e hoje nos trouxe diante do teu Altar. Ai queremos depor as insígnias das várias faculdades da nossa Universidade para que por ti sejam abençoadas.

Bom Apóstolo Santiago, que seja nobre o cumprimento dos nossos trabalhos profissionais. Que o cepticismo não invada os nossos corações. Que os nossos rumos terrenos se libertem da teias da materialidade que pesa de lástimas esta Babel do nosso tempo.

E que a nossa alma sinta a luz que irradiaste e que nos dará a verdadeira Eternidade.

Assim Seja.

Texto da Oferenda apresentado na Peregrinação pela Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa.

Compostela, 29 de Abril de 2001"

No final, a nossa Presidente ofereceu ao Celebrante um estojo com as medalhas de Coimbra e da nossa Associação.

Vimos em acção o "botá-fumeiro", o grande incensário de latão prateado com 1,5 m de altura e 50Kg de peso. Manobrado por grossas cordas de juta pelos "tiraboleiros", atinge a velocidade máxima de 68Km/h e descreve, na nave do cruzeiro, um arco de 65m. Se o incenso é e foi um símbolo litúrgico de louvor a Deus, em tempos idos acumulava mais uma função - a de desinfectar e perfumar o ambiente da Catedral onde dormiam peregrinos que nem sempre passavam pelo banho que os esperava num dos altos terraços do Templo, como nos explicou a Conceição.

Eramos muitos e já era tarde. Por isso não fomos abraçar a imagem do Santo em seu altar, mas visitámos devotadamente o seu sepulcro na cripta. Depois foi o cumprir da tradição: enfiar os dedos nas cinco cavidades da coluna a pedir graças; dar turras pouco convencidas na cabeça de pedra que lá está para as levar... e maravilha das maravilhas! Ali, à nossa frente estava o celebrado Pórtico da Glória construído no Séc. XII (1180) por mestre Mateo que com isso se tornou no "mais genial de los artistas al saber acomodar la escultura a la arquitectura". A essa obra dizem respeito os versos de Rosalia:

*"Estarán vivos? Serán de pedra
Aqués sembrantes tan verdadeiros,
Aquelas túnicas maravilhosas,
Aqués ollos de vida cheos?"*

...
*Aqui está a Glória, mais naquel lado,
naquela arcada negrexa o inferno
cas almas trites dos condenados
onde as devoran tódolos demos".*

Já a caminho do Hotel dos Reis Católicos, a Conceição foi dando, a quem a quis ouvir, valiosas achegas históricas. Indicou-nos a Praça do Obradoiro que, na sua monumentalidade, deve o seu nome aos "obradoiros" ou sejam os obreiros da Catedral que durante séculos se alojaram nos baixos dos edifícios da ala direita. A fachada barroca da Catedral, a mais conhecida, chama-se "Porta do Obradoiro" precisamente porque dá para aquela

praça. Vimos a "Porta Santa" ou do "Perdão". Para a abrir, o que só sucede no "Ano Santo", é preciso deitar abaixo uma parede de pedra que a entaipa. Pudemos apreciar a porta do "Coléxio de S. Jerome" com o seu original tímpano e arquivoltas. Olhámos o Pazo do Arcebispo Xelmirez, o mesmo Gelmires que, abusando da hospitalidade do Arcebispo de Braga, roubou desta cidade as relíquias de S. Frutuoso e de S. Cucufate. Notámos ainda a "Casa da Parra" a assinalar que os caminhos de Santiago são também os caminhos do vinho.

Chegados finalmente ao hotel em que entrámos por um soberbo pórtico plateresco, instalámo-nos principescamente para o jantar no "Hostal dos Reis Católicos"(não fosse este o porto de abrigo dos reis de Espanha quando por aqui peregrinam).

A solenidade do majestoso salão foi quebrada, no final, pela alegria contangiante despoletada pela "queimada galega", tendo todos colaborado na leitura de um texto alusivo preparado pela Conceição. Não sei se alguém ficou com algum grãozinho na asa... mas brincou-se e cantou-se "até a voz doer".



A Queimada Galega

Depois foi o recolher a penantes que o dia seguinte também era dia. Mas como a verdadeira sabedoria está em aproveitar as ocasiões para aprender, a caminho ainda pudemos ver, expostas numa montra, peças do artesanato exclusivo da região. Trata-se de figuras e jóias talhadas em azabache, variedade de lenhite dura e negra. Algumas eram enriquecidas com aplicações de prata.

3º dia - 30/4

Partimos para **Lugo**, a antiga "*Lucus Augusti*". Os termómetros marcava 5º, mas não tínhamos

frio. Perante os nossos olhos desdobravam-se paisagens tranquilas e suaves com casinhas aconchegadas no verde ainda tenro da vegetação. Pequenos riachos cortam os campos, caindo em pequenos açudes a resplandecer ao sol. É o nosso Minho! Mas estamos parados à frente da cidade que divisamos alcandorada numa acrópole situada na margem esquerda do rio Minho. Vamos atravessá-lo por uma ponte que continua romana a despeito de operações de cosmética sofridas. Mas aqui não é só a ponte que fala latim, é também a via romana que ligava Braga a Astorga a que Lugo deveu o seu desenvolvimento, o ter-se tornado numa encruzilhada de caminhos que renovou a importância no tempo das peregrinações. A calçada romana favorecia as longas caminhadas e na cidade havia três albergarias e até um hospital para leprosos.

Um dos encantos desta cidade, para além da situação geográfica, são as formidáveis muralhas romanas que ainda hoje abrigam parte da população. São estranhas com os seus torreões desiguais, uns redondos outros rectangulares, o próprio material e aparelho usado conferem-lhe um tom de originalidade: pequenas pedras fazendo lembrar as aldeias xistosas das nossas Beiras. Entre elas, arrulham pombos. No coração do centro histórico, numa praceta rodeada de edifícios com alguma monumentalidade ergue-se a Catedral de traça românica (séc. XII) toda ela em granito, desfigurada por modificações posteriores. Em todo mundo é a única a ter o privilégio de manter expos-

to ininterruptamente o Santíssimo Sacramento. Os altares do deambulatório ostentam tão raras como preciosas imagens de ébano. Ao fundo duma das naves está um andor enorme cheio de figuras bíblicas, montado sobre rodas para alívio de quem o transporta.

Depois de alguns desencontros, partimos para **Mondoñedo** sem grande disposição para cerimónias oficiais porque estávamos cheios de fome. Depois dos cumprimentos ao Alcaide (que ele nos desculpe as duas horas que o fizemos esperar...) demos uma rápida olhadela à catedral começada a construir em 1219. Tem na frontaria uma bela rosácea.

Com grande alívio para o estômago, lá nos vimos sentados à mesa tendo nos olhos um panorama de montes e vales e no prato bons petiscos. À sobremesa, um dos nossos colegas e amigo muito querido perguntou-me onde ficava o Monte Artabro, referido por Camões no episódio da batalha de Aljubarrota. Naquela altura não me lembrava, mas agora posso responder que se trata precisamente do Cabo Finisterra, conhecido na Antiguidade por "Promontório Artabrum".

Continuando a seguir a nossa rota, rumámos ao **Mar Cantábrico** onde nos foi dado apreciar belas paisagens marítimas, as "**Rias Altas**", com destaque para a **Praia das Catedrais** que têm qualquer coisa de comum com a costa de Peniche. **Foz Ribadeo**, e regresso ao hostel.



No Cabo Finisterra

Alguns ainda foram petiscar fora, outros preferiram o "vale de lençóis".

4º dia - 1/5

Em paisagem foi a tirada mais notável, um verdadeiro festival para os olhos. À beira da estrada perfilam-se povoações com ar próspero. Ao lado das casas, espigueiros de granito com as suas cruces, como no Soajo. Flores por todo o lado. Chegámos a **Corcúbion**, a mirar o mar do alto das frontarias das casas quase totalmente envidraçadas. Deixai entrar o sol... e também o mar! O recorte das "**Rias Médias**" cria quadros únicos e desenham no céu dorsos de animais fantásticos, escamudos. E o tal Cabo sempre a fugir... Ei-lo enfim! Saímos.

Havia tristeza nos olhos dos que se lembravam que ao norte de Finisterra começa a Costa da Morte recentemente enlutada com a tragédia de Castelo de Paiva. Estava um "barbeiro" cortante. Ninguém se importou. O que era preciso era VER! O desenho caprichoso das rias... as lombas das pequenas elevações costeiras a alongar-se para o mar... uma ligeira neblina a dar um ar de mistério ao horizonte... as escarpas do promontório a causar vertigens...



Os Gaiteiros Galegos de Muros

Iniciou-se o regresso pelas **Rias Baixas - Pontevedra, Vigo, Tui**. Passear é bom mas o aconchego do nosso lar também. Quando na auto-avia surgiu o primeiro painel com o nome de Portugal, ouviu-se uma voz lá atrás: "*É a coisa mais linda que estou a ver!*" Mas no Outono há mais...

Para acabar de cumprir o meu dever de portuguesa, só mais um reparo. Ouvimos várias vezes durante a viagem que "o português é filho do galego", mas tal não é, pois são uma e a mesma língua em diferentes fases de evolução. O galego é

a língua que se falava em Portugal e na Galiza no tempo de D. Dinis. Este rei, em 1290, ao substituir nos documentos oficiais o latim por a nossa língua, deu-lhe uma outra autonomia. É de notar que ao fundar a nossa Universidade ele tivesse apelado à Universidade de Santiago de Compostela para que a língua comum se normalizasse. Mas o galego ficou por ali a sofrer influência e até repressão da língua castelhana. Não temos que nos subalternizar!

O escrivão de bordo

Maria Olga dos Reis

NOTA DA DIRECÇÃO:

Aqui deixamos registados para a posteridade o eterno reconhecimento e a grande admiração pela dádiva de si própria com que a Conceição Campos nos brindou neste passeio, organizando-o além fronteiras e proporcionando-nos momentos inolvidáveis.

GINÁSTICA DE MANUTENÇÃO

Definição da Ginástica e os seus Benefícios Físicos

A Ginástica é um conjunto de exercícios progressivos e metódicos, tendente a desenvolver e a fortificar, de harmonia com as leis fisiológicas e higiénicas, os órgãos do corpo, a fim de que todos eles cumpram as funções que lhes cabem por força da natureza.

A palavra ginástica deriva do vocábulo "gymnos", que significava na Grécia Antiga "nú".

Conserva-se o nome porque, na realidade, os exercícios devem ser feitos com o menor número de roupa possível, que deve ser leve a fim de facilitar os movimentos.

Assim, os benefícios da ginástica cuidadosamente bem orientada, aliada, quanto possível, ao Yoga, dão equilíbrio entre o corpo e a alma, serenidade física e mental, contribuindo para cada um de nós ficar mais seguro de si próprio, mais calmo e pensando menos nas frivolidades do dia-a-dia.

Além do desenvolvimento muscular, o exercício contribui também para a conservação de uma boa saúde física e mental, criando uma melhor disposição para a vida quotidiana.

Este é o esquema a que nos propomos nesta Associação.

Os Professores de Ginástica da AAECL

FESTA DOS SANTOS POPULARES

No passado dia 23 (sábado) do corrente mês, a AAEC em Lisboa promoveu um convívio, no Centro de Caparide do Ministério da Educação.

O entusiasmo foi contagiante e, por isto, uma centena de Sócios e/ou Familiares responderam ao apelo feito.

Assim, da Cidade Universitária, partiram dois autocarros com os "foliões" dispostos a passarem um dia agradável nesta quadra dos Santos Populares.

E, depois de um gostoso e variado almoço que, de um modo geral a todos agradou, seguiu-se uma Palestra sobre "*Vilarinho da Furna - História de uma Aldeia Afundada*", a cargo do Professor Doutor Manuel Antunes. Este ilustre Docente que foi da Universidade de Moçambique, da Lusófona e da Universidade Clássica, é natural de Vilarinho da Furna e foi com grande entusiasmo e saudosismo que abordou o tema e falou da sua querida terra natal, hoje submersa.

A fim de dar uma razão à exposição, começou o ilustre palestrante por abordar "*Do Crescimento Económico ao Desenvolvimento Humano - O Caso de Vilarinho da Furna*", que se situa na Peneda-Gerês. E, ao longo da profícua exposição, apresentou a evolução histórica do conceito de "desenvolvimento", não deixando de referir que é depois da 2ª Grande Guerra Mundial que outro conceito se desenvolve: subdesenvolvimento, próprio de países em vias de desenvolvimento e, muitas vezes, caracterizado pela fome, doenças, desemprego, pobreza...

O Banco Mundial vem a considerar países em desenvolvimento ou do "terceiro mundo" ou "países do sul", entre outros.

Aliás, foi citado, já Stuart Mill, em 1848 tinha considerado um "*desenvolvimento sustentável*".

Muito recentemente, também foi referido que o casal Meadows, em 1972, editou "*Os Limites do Crescimento para o Clube de Roma*", publicação que suscitou veemente polémica.

Depois de preciosas explanações sobre os assuntos, só muito em síntese aqui referidos, o Professor Doutor Manuel Antunes divagou sobre a sua terra natal.

Furna, freguesia do Campo de Gerês, poderá remontar ao ano 75 da nossa era, havendo influência dos Búrios e a existência do conhecido "cavalu garrano", bem como a reunião, às 5ªs feiras, das famílias, tal conselho de Ministros de hoje.

Os distintos geógrafos Orlando Ribeiro e Jorge Dias estudaram e analisaram estas terras, que também foram cantadas por Miguel Torga.

Devido à construção de uma barragem, Furna ficou submersa e a população distribuiu-se pelos Concelhos limítrofes, por locais com outras gentes e outros costumes.

O ilustre Professor Universitário fundou a "*A Furna - Associação Cultural e Científica*" - e tem desenvolvido, por todos os meios, a divulgação de Vilarinho da Furna, tendo já organizado um Museu Monográfico, com edifício próprio, e espera, logo que possível, concretizar um sonho - a criação de um Museu Subaquático que seria uma iniciativa invulgar.

A sessão terminou com projecção de slides, seguida de debate suscitado por muitos cujas interrogações foram, de imediato e com clareza, resolvidas pelo Ilustre Palestrante. Todos agradeceram a lição recebida.

E, com ligeiro atraso, devido ao prolongamento do período de pedido de esclarecimentos sobre a palestra, foi apresentado, então, o Coro do Ministério da Educação. Este Coro foi fundado há cerca de 28 anos e os Serviços Sociais da Secretaria-Geral do Ministério da tutela atribuem um subsídio anual que respeita os encargos fixos e limita qualquer planificação.

Actualmente é composto por cerca de trinta elementos oriundos de todas as categorias de diversos Departamentos do Ministério e que, por grande "carolice", dedicam algum tempo de dois dias semanais para se prepararem, sob a orientação do Maestro Victor Roque Amaro, cujos estudos musicais foram feitos no Conservatório de Lisboa. Além da sua licenciatura em Engenharia Civil, frequentou diversos cursos de aperfeiçoamento de canto e direcção de coros em Portugal e Inglaterra (Cambridge) e faz parte integrante do Coro Gulbenkian. Do longo currículo musical, é de salientar o seu particular gosto pela Música Antiga. Assim, durante cerca de trinta minutos, os Sócios tiveram oportunidade de ouvir e deliciar-se com algumas peças de música medieval, espiritual e tradicional portuguesa, sendo algumas acompanhadas pela assistência, dada a sua divulgação.

De um modo geral, pode dizer-se que a todos agradou e saíram satisfeitos para o *Concurso das Quadras dos Santos Populares*. Nesta fase as

"veias poéticas" puseram-se em acção e o júri teve dificuldade em atribuir as classificações aos três primeiros. Mas, com sinceridade (até ajudado pelo facto de não haver música para dançar, conforme anunciado...) os contemplados foram indicados: Eduardo Azevedo e João Maria Alves Rodrigues. Seguiu-se, finalmente, (e já desejado... pois havia gargantas secas...) o jantar/merenda que a muitos satisfaz e aconchegou para uma viagem de regresso a Lisboa. No final, o celebrizado "Bolo de Aniversário", a festejar os aniversariantes do mês de Junho.

José Moura



Caparide - Aniversariantes de Junho

Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra

Os Antigos Orfeonistas na Áustria

Quis a ilustre Presidente da A. A. E. C. em Lisboa ter a gentileza - mais uma! - de disponibilizar as páginas do Boletim para deixar um breve apontamento acerca da deslocação do nosso Orfeon ao "País das Valsas". Faço-o, naturalmente, com o maior gosto.

A deslocação teve em vista a participação, entre 28 de Abril e 1 de Maio, no **V Festival Internacional de Coros de Bad Ischl** - uma pequena, mas encantadora cidade, a 40 quilómetros de Salzburgo, celebrizada pelas qualidades terapêuticas das suas águas e pela formosíssima residência de Verão aí mandada construir pelo Imperador Francisco José.

Antes, porém, do Festival, correspondendo ao interesse manifestado pela Embaixada de Portugal e pela Delegação do ICEP, o Orfeon realizou um concerto em Viena, no átrio do imponente *Museu de História Natural* que, com frequência, acolhe eventos deste tipo.

Escolha acertada, já que a beleza deste espaço - amplo, dominado por uma abóbada de grandes dimensões - prévia e meticulosamente preparado para o efeito (nada, aqui, é deixado ao acaso...), aliada a uma sonoridade magnífica, ajudou a criar - no público e nos orfeonistas - um ambiente particularmente agradável e propício a um serão musical.

Tudo, enfim, contribuiu para que o Coro tivesse atingido um excelente nível de desempenho, oferecendo aos mais de 600 convidados - individualidades dos meios diplomático, social e cultural, muitas delas com ligação de diversa ordem a Portugal, entidades oficiais, agentes de viagens, representantes dos meios

de comunicação social, etc., que esgotaram largamente os lugares reservados (tendo mesmo de recorrer às escadarias laterais e frontal) - uma das melhores actuações do seu historial.

Vivemos, nessa noite, momentos inesquecíveis! Apresentámos (com uma única excepção, em "encore", e a pedido expresso de uma Senhora - pedido sempre dificilmente recusável...) *um repertório exclusivamente português - ou, para ser mais preciso, lusófono* - sob a regência, serena mas profundamente estimulante e dominadora, do "nosso" Augusto Mesquita que, dir-se-ia (se não conhecêssemos já bem as suas capacidades!), uma vez mais, ter-se superado na delicadeza, na segurança e no à vontade da sua direcção.

O público, rendido ao encanto da NOSSA MÚSICA e - porventura, também da singularidade das Velhas Capas Negras!... - chegou a emocionarnos, no calor dos aplausos que, desde muito cedo, quis manifestar com raro entusiasmo!

"A capella", o Coro apresentou, sucessivamente, o "Alleluia" (um original do início do séc. XIX, de José Maurício, descoberto há poucos anos, por mero acaso, na Biblioteca da Universidade); depois, o "Coimbra", de Raúl Ferrão; "O Landroeiro", um coral alentejano, (ambas as peças, com arranjo do Aug. Mesquita); a emocionante - e eternamente bela! - "Serenata Açoreana", do NOSSO saudoso Raposo Marques; o "Digo-Daí"; e, a terminar, duas peças brasileiras: o "Carinhoso", um "chorinho" - difícil, com contrastes rítmicos lindos, executado na perfeição - e o "Boiadeiro".

A grande surpresa estava, todavia, guardada para a 2ª parte: música de Coimbra, com as guitarras do Paulo Soares (Jójó), Octávio Sérgio, Tó Zé Moreira e Manuel Mora, e as violas do Luís Ferreirinha, Carlos Caiado e Custódio Moreirinhas, acompanhando o Orfeon, numa experiência nova - e, se calhar, arriscada! - mas que iria resultar em pleno, deixando o público arrebatado pelo som - lindo! - de instrumentos desconhecidos da grande maioria.

Foram, assim, executados o "Cantar de Emigração", do Zé Niza; o "Coimbra, Menina e Moça", o "Sé Velha" e o "Ondas do Mar" (as 3 últimas peças, com arranjos para Coro do Augusto Mesquita). E acabaríamos com a fabulosa "Balada de Outono" do Zé Afonso... "Acabaríamos", se o público, arrebatado, de pé, num aplauso que parecia não ter fim, "nos deixasse" abandonar o palco!...

E vieram o "Por Trás Daquela Janela", do Zé Afonso, e o "Trai-Trai" do Cónego Manuel Faria. A seguir (a pedido insistente de uma Senhora que não teria ainda esquecido a nossa presença - se calhar, a do solista... - de há 3 anos, em Viena...), o "Don't Cry For Me Argentina", com o Augusto Mesquita no piano e na regência, "O Vosso Galo", e, finalmente - a acabar mesmo, já que ainda se seguiria a habitual Serenata - a "Sôdade", da Cesária Évora, mais um trabalho do Augusto Mesquita para Coro e piano.

O Orfeon conquistou, de facto, o público. Um público profundamente caloroso e amigo, sem dúvida, mas, de igual modo, conhecedor e exigente como raros.

Uma palavra final, em primeiro lugar, naturalmente, para o Augusto Mesquita, a quem é devido - pelo trabalho, pelo mérito, mas, sobretudo, pelos caminhos novos e diferentes que foi capaz de imprimir ao Orfeon - o quinhão maior deste acumular de sucessos que a nós próprios não deixa de surpreender. Mas também para os solistas, cujo estupendo desempenho se torna factor decisivo do enriquecimento qualitativo do Coro e do agrado acrescido de quem o escuta. Que permite a objectiva particularidade - devidamente sublinhada, nos comentários do público - de o Coro poder exhibir, numa mesma apresentação, nada menos de 8 solistas (e 2 outros nem puderam deslocar-se...). Caso - asseguraram-nos - praticamente único, num Coro rigorosamente amador.

Não será, pois, demais - até pelos redobrados cuidados que têm de ter com as vozes!... - uma palavra muito especial para (por ordem alfabética) o Adelino Fonseca ("Sé Velha"), António Almeida ("Sôdade"), António Crespo ("Landroeiro", "Balada de Outono" e "Por Trás Daquela Janela"),

João Pinheiro ("Digo-Daí" e "Por Trás Daquela Janela"), José Maria Barros Ferreira ("Boiadeiro" e "Sé Velha"), Manuel Sobral Torres ("Don't Cry For Me Argentina"), Paulo Amador ("Serenata Açoreana", "Cantar da Emigração" e "Ondas do Mar") e Rui Oliveira ("Serenata Açoreana").

Uma palavra, também, para o Fernando Ferreirinha, o José Mesquita e o José Miguel Baptista, pelo seu nunca regateado contributo nos Fados que preencheram a segunda parte do espectáculo.

A 27, saímos de autocarro para **Bad Ischl** onde nos 3 dias seguintes nos apresentávamos no Festival, uma competição envolvendo 19 Coros - alemães, austríacos, macedónios, romenos, etc.

Participando - como todos os outros - na vertente de "Música Tradicional", o Orfeon exibiu-se por 2 vezes: primeiro, com as "Ondas do Mar" e a "Balada de Outono", com o acompanhamento das 4 guitarras e 3 violas, e o "Digo-Daí"; na segunda, cantámos "O Landroeiro", o "Carinhoso", e o "Trai-Trai". É verdade que o público, em votação secreta (norma do Festival), nos distinguiu com o **primeiro lugar** - o que, naturalmente, nos encheu de satisfação. Mas verdade é, também, que a escolha do júri, premiando um dos Coros macedónios - o Coro *feminino* do Conservatório de Música de Skopie - atribuindo-nos o **segundo lugar**, nos pareceu uma decisão plenamente acertada, vista a perfeição musical que largamente patenteou. Nós próprios o reconhecemos, aplaudindo calorosamente as suas actuações, bem como o anúncio da decisão do júri. Sempre teria de ser assim, visto o tradicional cavaleirismo lusitano. Ou, como alguém, na altura, observou, o resultado não poderia ter sido diferente: primeiro, elas, os "passarinhos". Em segundo, nós os "passarões"!...

Mais uma jornada gloriosa, premiando, afinal, uma dedicação que só o gosto pelo Canto - sendo, como é, o elemento aglutinador - não explica tudo. E este tudo é, no fundo, muita coisa. De que o sentido de Serviço à nossa Velha e Querida ALMA-MATER - a eterna Universidade de Coimbra, mas sobretudo àquela que, outrora, abriu os braços a cada um de nós!... - e que, longe do nosso PORTUGAL, não pode deixar de estar sempre bem presente.

Que melhor compensação, no fundo, para o esforço de 2 ensaios semanais, em Coimbra - um só para os núcleos do Porto e de Lisboa ou, ainda que a título excepcional, para o Zé Andrade Ferreira que, com absoluta regularidade, estudando as peças por si, se apresenta de 15 em 15 dias no ensaio, vindo expressamente da lindíssima Ilha do Pico???!!

Nuno Tavares

(Secretário-Geral do Coro dos AOUC)

Noticiário

I - JANTARES MENSAIS

Os Jantares na Valenciana pertencem já ao património cultural da Associação.

Foram instituídos logo nos começos da nossa Delegação e, desde então, salvo raras excepções, são por excelência um grande ponto de convívio e confraternização.

Nos primeiros meses deste ano, apesar da rigorosa invernia que mais fazia apetecer o aconchego da casa, não deixaram de se realizar.

A afluência dos Sócios e Familiares foi considerável. O convívio foi de franca animação e, como sempre, a refeição foi do agrado geral.

No passado mês de **Fevereiro**, além dos costumados parabéns cantados aos aniversariantes por todos os Sócios presentes, houve lindos fados e óptimas guitarradas, cantados e acompanhados pelo Couceiro que, sendo também aniversariante, quis juntar-se a todos nós, nessa noite feliz.

Aí reatou-se a velha tradição dos "**10 minutos de conversinha informal**" que, desta vez, coube à cardiologista, Dr.^a Maria Isabel Dionísio Mendes Silva, que versou sobre a importância de "*um Coração Saudável para uma Boa Qualidade de Vida*".

Nos meses de Março, Abril e Maio, repetiu-se a animação de sempre e, os 10 minutos concedidos, foram para a Maria Isabel Alexandre ler, com imensa graça, Catulo da Paixão Cearense.



Aniversariantes de Março



Aniversariantes de Maio



Aniversariantes de Fevereiro

II - ENCONTRO dos "CANADENSES", dos "ALEMÃES" e dos "MADEIRENSES"

Acorreram ao primeiro (nos dias 27 e 28 de Janeiro, na nossa Sede), a quase totalidade dos 44 participantes na Viagem ao Canadá, visionando os vídeos (de quase 5 horas) com o encantamento de quem revive e partilha momentos inesquecíveis e expondo ou apreciando elevado número de fotografias, cujo concurso foi ganho por: Hugo Tabora, Amélia Figueiredo e a Maria Helena Lucas dos Santos. Isto sem falar no prazer com que saborearam deliciosos petiscos, a meio de cada uma das exposições.

Também na Sede (no dia 17 de Fevereiro) e com os mesmos mimos gastronómicos, a maioria dos 80 participantes na Viagem à Alemanha assistiu com

agrado à passagem do vídeo e concorreu em força com fotografias, tendo vencido o concurso: a Maria Isabel Soares da Costa e a Maria Helena Cunha.

Já para o terceiro encontro nos pareceu que o nosso salão não comportaria os previsíveis convivas neste rememorar de uma Passagem-de-Milénio em que 180 Antigos Estudantes de Coimbra "arrazaram" a Madeira. Daí termos providenciado outro espaço maior para o dia 2 de Junho; mas o futebol chamou mais alto... e a adesão ao visionamento do vídeo e ao concurso de fotografias cifrou-se em apenas 40 dos participantes.

Em compensação, o mundo das fotografias é das mulheres: a Amélia Figueiredo, a Maria Helena Cunha e a Ivone Cruz arrebatarem os prémios do concurso!



O Júri e os laureados do Concurso fotográfico da Madeira

III - FESTA DO CARNAVAL

Desta feita, elegemos o NOVOTEL para acolher, no dia 23 de Fevereiro, 120 foliões que corresponderam em cheio aos esforços da já nossa "Orquestra Lourenzo's Combo" e, como sempre, felicitar os aniversariantes desse mês perante o inevitável "bolo" carnavalesco:



Carnaval para os aniversariantes

IV - GRUPO AD-HOC

O sonho vai-se tornando realidade... Passo a passo, com alegria, dedicação e boa vontade dos queridos Sócios e Sócias que puderam aderir a esta ideia do **Coral da Associação**, o Sonho vai começando a ter pernas para andar, correr e vencer!

É do "Ad-Hoc" que estou a falar.

A sua apresentação em público foi na Festa do IX Aniversário da Associação.

A Presidente teve para com o Grupo palavras de muito apreço e de incitamento, assim como os versos do Gustavo Cerdeira que foram lidos pelo autor, antes da actuação.

Timidamente, o **Ad-Hoc** apresentou-se no palco do Auditório do I.P.J.

Sozinhos, no seu simples amadorismo, mas com a determinação e a certeza de que poderão dar muito mais, proporcionaram momentos agradáveis de poesia e canto, numa saudável convivência e amizade com os 160 Colegas e Amigos presentes nesse Dia de Festa.

Maria Antónia



O Grupo "Ad-Hoc"

V - AULAS DE GINÁSTICA

As aulas de Ginástica de Manutenção começaram já no mês de Maio.

Funcionam no Salão da nossa Sede, às 2^{as} e 4^{as} feiras, das 15h30 às 16h30.

As inscrições, forçosamente, são limitadas, pois o espaço do Salão, embora arejado e alegre, não comporta mais de 10-12 a praticarem os exercícios necessários.

As Sócias que aderiram a esta actividade estão radiantes, porque as aulas têm sido esplêndidas e o bem estar tem-se feito sentir nas nossas ginastas.

Vamos prosseguir, convictos que estamos do valor da Ginástica de Manutenção e da sua utilidade para a saúde física e mental de quem a pratica.

Grupo "Corpus Sanum"

VI - O BRIDGE

Os ensaios do Grupo Coral, o já famoso Ad-Hoc, as sessões de Ginástica de Manutenção, as Conversas Quinzenais e as sextas-feiras do Bridge foram as actividades que, no meu entender, mais vida deram à nossa Associação.

Como vivi a animação que o bridge trouxe, quero dar notícia do alto nível que alguns dos nossos Sócios emprestaram aos torneios das sextas-feiras. Foram convívios muito agradáveis que decorreram com uma animação invulgar e que chamaram à nossa Sede algumas Senhoras que deram o seu gentil contributo com a sua presença e intervenção.

A nossa Associação foi presenteada pelo grupo do bridge com duas mesas articuladas de jogo.

Pelo que se passou neste ano lectivo, é de esperar que, depois das férias, as sessões das sextas-feiras ultrapassem muito as presenças habituais.

Os mais ferrenhos...

João Maria



Os mais ferrenhos...

VII - "O FADO DE COIMBRA" EM LISBOA

Correspondendo ao pedido feito pela Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra, a Direcção da nossa Associação colaborou na promoção do "*Mês do Fado de Coimbra*" (Março), proporcionando e aplaudindo as seguintes actuações:

- **Dia 23 de Março** - no Restaurante típico "*A Severa*", pelo jovem Grupo "*Coimbra de Sempre*";



Grupo de Fados "Coimbra de Sempre" na Severa

- **Dia 24 de Março** - na Casa do Fado e da Guitarra Portuguesa, pelos jovens "*Grupo Saudades de Coimbra*", "*Grupo Aeminium*" e Grupo Misto de Tunos e Orfeonistas

VIII - COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- **A Assembleia Magna da Associação Académica de Coimbra** convidou-nos a participar na cerimónia da tomada de posse dos novos Corpos Gerentes da AAC, que teve lugar no dia 17 de Janeiro.

- **O Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra** fez questão da nossa presença no Jantar e Concerto comemorativos dos seus 20 anos, realizados no Casino da Figueira da Foz em 10 de Fevereiro, onde, além do Coro, actuaram a *Orquestra Filarmónica das Beiras*, Paulo Soares na Guitarra Portuguesa e outros Artistas Convidados, culminando com uma Serenata de Coimbra.

- **O Magnífico Reitor e o Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra** convidaram-nos para a sessão de inauguração do novo Anfiteatro, no dia 6 de Abril, presidida pelo Presidente da República, em que estiveram presentes todos os Órgãos de Soberania, membros do Governo e autoridades civis, militares e religiosas, tendo o Prof. Doutor

Ferrer Correia proferido uma lição sobre "*Arbitragem Comercial Internacional*" e o Prof. Doutor Rui Alarcão sido agraciado com a "*Medalha de Ouro*" da Universidade de Coimbra.

• **A Associação Académica de Coimbra**, através da sua Secção de Fado, fez-nos participar no Sarau que realizou no dia 21 de Abril "*Discurso para Carlos Paredes*", no Teatro Gil Vicente, com apresentação do Colega Sansão Coelho, actuação de vários Grupos de Fados (jovens e não jovens) e testemunhos ao vivo e gravados de cultores da arte do homenageado, entre os quais os dos nossos Sócios Almeida Santos, Luiz Goes e Durval Moreirinhas.

• **A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra do Alto Mondego** festejou o seu 2º Aniversário no dia 24 de Junho, com uma sessão no cinema local, onde homenageou entidades ligadas a Coimbra, com a presença do Magnífico Reitor e a representação da nossa Associação, tendo actuado os Antigos Tunos da Universidade de Coimbra (orquestra, tangos e serenata).

• **A Câmara Municipal de Lisboa** convidou-nos para o lançamento do livro "*A Nostalgia de Deus ou a Palavra Perdida em Miguel Torga*", de Carlos Carranca, que se realizou no dia 17 de Janeiro.

• **A FNAC** convidou-nos para a apresentação do "*Livro do Português Errante*", de Manuel Alegre, que teve lugar no dia 22 de Fevereiro.

• **A Câmara Municipal de Cascais** convidou-nos a assistir, no dia 7 de Junho, à atribuição da "*Medalha de Mérito Municipal Cultural*" aos nossos Sócios Alfredo José de Sousa (Presidente do Tribunal de Contas) e Carlos Carranca (nosso Consultor Cultural), tendo constado do programa uma exibição da *Orquestra da Câmara de Cascais e Oeiras*.

• **A Casa da Académica em Lisboa** convidou-nos para o seu Sarau anual "*Coimbra Encanta Lisboa*", que teve lugar no Casino do Estoril no dia

20 de Junho, com a participação dos *Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra*, do "*Grupo Jurídico de Canto e Guitarra de Coimbra*", do jovem Grupo de Fados "*Alma Mater*", do Luiz Goes, e onde foi homenageado o Ângelo de Araújo.

• **A Câmara Municipal de Lisboa** convidou-nos a assistir à repetição dos "*Discursos para Carlos Paredes*", pela Secção de Fado da A.A.C., agora integrados nas Festas da Cidade, que ocorreu no Tivoli, no dia 24 de Junho, e onde participaram também Luiz Goes e Sutil Roque, acompanhados por Alexandre Bateiras e João Gomes.

In Memoriam...

Deixaram-nos...

... ultimamente, os nossos Colegas:
... ainda em 2000, o

† Dr. José Carlos João Maria Amado,
Sócio 109 - em 30 de Maio;

... e em 2001, os

† Dr. Belmiro Casais de Brito,
Sócio 994 - em 5 de Janeiro;

† Dr. Ernesto Maria Salvado,
Sócio 187 - em 25 de Fevereiro;

† Dr. João José Sequeira Faria de Sousa,
Sócio 283 - em 1 de Maio;

Paz às suas almas.

Se não sabias, Ficas a saber que ...

• **A Biblioteca e Arquivo** continuam a ser enriquecidos pela generosidade de Sócios e Amigos da nossa Associação. Foram eles:

- Camilo de Araújo Correia, Amélia Figueiredo, Ernesto Moura Coutinho, João de Deus Quintela, Carlos Carranca, António Almeida Santos, Eduardo Aroso, Graciette Cartaxo, António Curado, Gracinda Ferreira Ribeiro, Carlos Conceição, Renato Figueiredo, Ângelo Vieira de Araújo, Maria da Conceição Campos, Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, António de Sousa Freitas, Teresa Leónidas, Esmeralda Ferreira Ribeiro, Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra do Alto Mondego, Francisco Chichorro, Altino Cardoso.

A Todos, Bem-Hajam!

• **Vão ser lançadas as seguintes obras:**

"*Contos do Tempo do Ódio*", de António de Almeida Santos, no Palácio Foz, no dia 9 de Julho (18h30).
 "O *Coração ao Pé da Boca*" (crónicas e entrevistas), de Carlos Carranca, na Junta de Freguesia da Penha de França, dia 24 de Julho (18h30).

Estão alguns à tua disposição na nossa Biblioteca.

- **O Coro dos Antigos Orfeonistas da Universidade de Coimbra vai abrilhantar a** cerimónia de trasladação de Amália Rodrigues para o Panteão Nacional, no dia 8 de Julho, pela 19h00, entoando na escadaria do Panteão o Hino Nacional e canções de Amália.
- **O António Curado** (Colega do Porto) publicou o livro "*Coisas sobre Coimbra - O Pica e a Briosa*", oferecendo os direitos de autor à AAC/OAF.
 Temos exemplares à venda por **1.400\$00** (o preço de capa é de 2.000\$00).

- 1 - Ainda temos Sócios com **Quotas** em atraso, não só deste ano como de anos anteriores (as dos anos 2000 e 2001 prefazem 750 contos...)
 Quando estarão todas em dia? **Não podemos "viver" sem elas! E as despesas de funcionamento da nossa Associação tendem a acompanhar a inflação!**
- 2 - O **Passeio do Outono** realizar-se-á em Outubro: 4 e 5 - por "*Terras Queirosianas*"; 6 - "Dia do Antigo Estudante de Coimbra"; 7 - Leiria.

CAPA E BATINA

Cláudia de Patrocinio Benevides
 DIRECTOR - A PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

Edição: ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA
 RUA ANTÓNIO PEREIRA CARRILHO, 5 - 1.º • 1000-046 LISBOA
 TELEF.: 21 849 41 97 FAX: 21 849 42 08
 PERIODICIDADE: SEMESTRAL • TIRAGEM: 1000 EXEMPLARES
 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO